

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - UFMS
Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCHS
Curso de Ciências Sociais

Gabriel Zamian de Carvalho

**PENDURANDO A CHIBATA NA PORTA: UMA ANÁLISE
DAS RELAÇÕES BDSM NO CONTEXTO DE CAMPO
GRANDE/MS**

Campo Grande/2014

Gabriel Zamian de Carvalho

**PENDURANDO A CHIBATA NA PORTA: UMA ANÁLISE
DAS RELAÇÕES BDSM NO CONTEXTO DE CAMPO
GRANDE/MS**

Trabalho de conclusão de curso
realizado como exigência para
obtenção do título de bacharel em
Ciências Sociais, sob orientação do
Prof. Dr. Aparecido Francisco dos
Reis.

Campo Grande/2014

SUMÁRIO

Agradecimentos	1
Resumo	2
Introdução	3
1. (Meto)dologia	6
1.1. Contato com o BDSM.....	6
1.2. Contato com os interlocutores.....	8
2. Preparando o couro: discussões sobre sexualidade e BDSM.....	11
2.1. Penetrando nos estudos de sexualidade	11
2.2. Psiquiatria e Psicanálise	21
2.2. Dupla penetração: o BDSM na Sociologia e o saber prático	25
3. Hora de apanhar: mídias digitais, confiança e prazer no BDSM em Campo Grande/MS	33
3.1. Mídias digitais utilizadas para relações BDSM	33
3.2. A questão da confiança	43
3.3. Chibata do Cerrado: discursos e contra-discursos no BDSM.....	50
4. Deixando a chibata esfriar	59
Considerações finais	59
Referências bibliográficas	61

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais Lourdes Zamian de Carvalho e Ricardo Santos de Carvalho, e minha irmã Beatriz Zamian de Carvalho, por me proporcionarem toda a base para que eu pudesse começar e concluir esta graduação.

Ao meu orientador e amigo Prof. Dr. Aparecido Francisco dos Reis por todo o incentivo no curso, pelas duas bolsas de iniciação científica que me trouxeram muita experiência e por aceitar trabalhar com este tema de recente discussão.

À minha namorada, amiga e companheira Raquel Basilone Ribeiro Avila, por todos os ótimos momentos que passamos juntos, pelas conversas e trocas de experiências que tivemos.

Ao meu amigo Ismael Rodrigues Ibrahim, por todas as discussões acadêmicas e teóricas sobre os temas que pesquisamos, além dos momentos de descontração.

À professora e amiga Dra. Ana Maria Gomes por todo o incentivo, discussões e reflexões teóricas, ajuda em projetos e pelos momentos de descontração.

E à todos colegas do LEVS pelos projetos e momentos de descontração.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar as relações BDSM no contexto de Campo Grande/MS a partir de três categorias selecionadas através do discurso dos interlocutores, as mídias digitais, a questão da confiança e a discussão da transgressão deste prazer. O BDSM é considerado uma sexualidade dissidente, pois transgride e rediscute questões que são colocadas como naturais dentro da sexualidade. Esta pesquisa foi realizada através de entrevistas com os praticantes de BDSM da cidade e análise documental em redes sociais e *blogs* específicos do tema. Através da análise dos discursos, foi possível observar a importância que as mídias digitais assumem em Campo Grande/MS, visto que não há festas, encontros e boates direcionadas ao tema, apesar disso, a falta de confiança gerada por poucas pessoas dispostas a sair do meio virtual, dificulta os encontros face-a-face e realização de eventos nesta temática, restringindo às redes sociais. Além disso, a confiança envolve a questão do BDSM ser considerado uma prática dissidente, transgressora, assim, os praticantes não podem colocar publicamente que são adeptos ao BDSM.

Palavras-chave: BDSM; mídias digitais; confiança; prazer.

INTRODUÇÃO

O BDSM é a sigla utilizada para definir um conjunto de práticas com o objetivo de buscar prazer, significando *bondage*/disciplina, dominação/submissão, sadismo/masochismo.

Popularmente, o BDSM é conhecido no Brasil como sadomasochismo, se referindo apenas às práticas sadismo e masochismo. Utilizando a ferramenta Google¹ para pesquisar na *internet*, a fim de compreender as representações usuais e comuns do sadomasochismo, utilizando o termo “sadomasochismo”, aparece em vários sites que buscam trazer dicas para namoro, casamento ou apenas para a relação sexual, mostrando como práticas servem para trazer maior excitação para os parceiros durante o sexo, mas estas são consideradas restritas ao momento do sexo, considerando como não sadia e doentia qualquer manifestação destas práticas fora da relação sexual tanto por manuais médicos quanto por estes próprios sites de dicas para relacionamentos.

Apesar destes sites sobre dicas de relacionamentos considerarem apenas como uma prática sexual, o sadomasochismo forma uma cultura, tendo seus códigos e ritos específicos. Na *internet*, é possível encontrar *blogs* que tratam do BDSM, trazendo dicionários, dicas de práticas, entre outros, além de existir uma rede social específica para seus praticantes, chamada *Fetlife*².

Em vários destes *blogs* e no *nickname* dos perfis do *Fetlife*, é observada a utilização de pseudônimos. No blog Frágil Reino, os fundadores utilizam de pseudônimos para se identificar, no caso, Rainha Frágil e escravo roger.

Existem festas específicas onde ocorre a interação de seus adeptos, como por exemplo, o Projeto Luxúria e o Clube Dominna, localizados em São Paulo/SP.

Popularmente, o termo “sádico” não é aplicado apenas para uma relação sexual. Em crimes no qual o assassino recorre à extrema violência e age com frieza, um dos adjetivos quase sempre empregados principalmente pela imprensa é sádico, considerando que o autor do crime teve prazer em matar ou causar grande sofrimento à pessoa.

¹ www.google.com.br

² www.fetlife.com

A partir do século XIX, o sadomasoquismo começa a ser estudado pela scientia sexualis (Foucault, 1987) e por essa ser uma sexualidade considerada dissidente, os adeptos do BDSM serão considerados “doentes”. Ainda na atualidade estas práticas são consideradas como doências, como pode ser visto no DSM-IV – Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais, na categoria denominada “TRANSTORNOS\Transtornos Sexuais e da Identidade de Gênero\Parafilias”.

Observa-se então a posição de subalternidade dos grupos BDSM, por estes serem adeptos a uma sexualidade considerada dissidente, que foge à normatividade estabelecida, sendo considerados como estranhos ou anormais. Esta discussão acerca da normatividade será tratada na revisão bibliográfica do projeto.

Segundo Gregori (2010):

Trata-se de um conjunto de situações sociais, extremamente ricas para pensar, em que está presente a noção de que, ao aprender e seguir aquelas normas práticas, o que poderia ser visto como violência passa a ser visto e sentido como prazer. (GREGORI, p. 56, 2014)

Assim, o BDSM se torna um tema fértil para estudos por rediscutir o prazer, entre a violência e o erotismo e a paródia das relações poder.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a importância das mídias digitais para que os praticantes de BDSM de Campo Grande/MS se relacionem e troquem informações; como estes praticantes lidam com a questão da confiança na cidade; e como eles compreendem o prazer, sendo o BDSM considerado dissidente. Houve alterações nos objetivos propostos no projeto desta pesquisa, pois no discurso dos praticantes foram observadas questões-chaves para se compreender o BDSM no contexto de Campo Grande/MS.

No primeiro capítulo, (Meto)dologia, desta pesquisa será discutido inicialmente o contato do pesquisador com o objeto de pesquisa, o BDSM, e a seguir, como foi o contato e as entrevistas com os interlocutores e escolha de categorias de análise para a pesquisa.

O segundo capítulo, “Preparando o couro: discussões sobre sexualidade e BDSM”, será uma revisão bibliográfica sobre autores teóricos contemporâneos sobre a sexualidade, a visão da Psiquiatria, Psicanálise e Medicina sobre o BDSM, discussões teóricas e do saber prático do BDSM.

No terceiro capítulo “Hora de apanhar: mídias digitais, confiança e prazer no BDSM em Campo Grande/MS”, serão realizados as análises das categorias escolhidas para estudo desta pesquisa. A primeira a ser estudada será a importância das mídias digitais para os praticantes da cidade se relacionarem e trocarem informações. A segunda categoria será como os praticantes lidam com a questão da confiança para se praticar o BDSM. A terceira será como eles compreendem o prazer, levando em conta o contexto que eles estão inseridos.

No quarto capítulo “Considerações finais: Deixando a chibata esfriar” será feita uma reflexão final acerca dos resultados obtidos na pesquisa e da experiência acadêmica do pesquisador.

1. (METO)DOLOGIA

1.1. Contato com o BDSM

Esta pesquisa foi realizada através de entrevistas com praticantes de BDSM, e análise documental, utilizando de *sites* voltados para a temática do BDSM e leitura de postagens em redes sociais como *Facebook* e *Fetlife*.

O acesso à população BDSM foi possível devido ao pertencimento do pesquisador ao meio BDSM, favorecendo a compreensão de regras e liturgias do meio, facilitando o contato com estes praticantes residentes na cidade de Campo Grande/MS, além de proporcionar uma maior liberdade e segurança aos interlocutores para conversar acerca de suas práticas.

Esta pesquisa foi então realizada por um “nativo”. Roberto DaMatta (1987) em seu livro “Relativizando: Uma introdução à Antropologia Social”, traz na discussão do trabalho de campo as questões de se pesquisar o “familiar” e o “exótico”. Segundo o autor, “é preciso transformar o familiar no exótico [...] do mesmo modo que é preciso questionar o exótico” (DAMATTA, p. 184, 1987).

Como o pesquisador é um “nativo”, neste caso se fez necessário “estranhar” o familiar. A dificuldade não se agrava, pois o pesquisador é pertence ao grupo a pouco tempo, assim, apesar de ser aceito pelos outros sadomasoquistas, o aprendizado de toda a liturgia (este conceito será explicado na revisão bibliográfica) não é imediato, sendo que apenas a convivência e a prática do BDSM fará com que esta liturgia se torne familiar no cotidiano do pesquisador, ou seja, “isso não significa em absoluto que: (a) a familiaridade não implique graus e (b) que ela implique um automático conhecimento ou intimidade” (DAMATTA, p. 184, 1987).

Um dos meios para se realizar a pesquisa seria através do trabalho de campo, mas foi observada a ausência de boates, festas e locais de encontro em Campo Grande/MS para que os praticantes de BDSM se reúnam. Assim, restou utilizar de entrevistas e análise documental. Apesar do não uso do trabalho de campo, a questão do “exótico” e “familiar”, ainda se faz presente para haver uma distinção entre o pesquisador e o sujeito da pesquisa.

Importante ressaltar alguns detalhes quanto à escrita do texto. Partindo da análise da Clifford Geertz (1976) com a antropologia hermenêutica, influenciada pela sociologia compreensiva, o discurso do nativo é uma interpretação da realidade, logo, o texto escrito pelo antropólogo se torna uma interpretação da interpretação:

Resumindo, os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente um "nativo" faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura.) Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são "algo construído", "algo modelado" — o sentido original fictício — não que sejam falsas, não-fatuais ou apenas experimentos de pensamento. (GEERTZ, p. 11, 1976)

Assim, na escrita do texto estarão presentes as formas de escrever do grupo em questão. Para demonstrar a hierarquia que existe em uma relação BDSM, os termos utilizados para se referir à Dominação ou Dominador serão escritos iniciados com letras maiúsculas, enquanto os utilizados para referência à submissão ou submisso, serão escritos com letras minúsculas. Serão utilizados os termos “BDSM” e “somasoquismo” como sinônimo, pois este último mesmo se referindo apenas às práticas do sadismo e do masoquismo, é utilizado pela linguagem popular como sinônimo da sigla. Também serão usados gírias e códigos do grupo, sendo colocado posteriormente um glossário com o significado dos termos.

Os meios utilizados para entrar em contato com a os interlocutores foram as redes sociais, mais especificamente o *Facebook* e o *Fetlife*. Estes contatos inicialmente também não foram justificados com a pesquisa, e sim com o pertencimento do pesquisador ao meio, sendo posteriormente informado aos indivíduos sobre da pesquisa e perguntando a possibilidade de uma entrevista.

Além de estabelecer contatos, no *Facebook* é possível criar grupos para discussões específicas. O pesquisador entrou nos grupos “BDSM Mato Grosso do Sul” e “BDSM – Campo Grande – MS”, para visualizar as discussões e postagens dos praticantes da cidade.

O *blog* utilizado para conseguir informações foi o submisso real³. Através do deste *site*, foi formulado o glossário contido neste texto, com os termos e gírias utilizados pelos praticantes de BDSM.

³ <http://submissoreal.blogspot.com.br/>

Autores como Miskolci (2012) e Zilli (2009) utilizam a *internet* e mídias digitais para realizarem suas pesquisas. Para Miskolci (2012), essas mídias assumem papel importante nas relações sociais contemporâneas:

Hoje em dia, é quase impossível compreender nossas relações sem mediação tecnológica, pois vivemos em uma cultura digitalizada, sempre presente, já que nos comunicamos por elas, vivemos em referência aos seus conteúdos e aprendemos a fruir um grande prazer na inédita experiência da comunicação com várias pessoas ao mesmo tempo, ou seja, na participação em redes que constituem uma espécie contemporânea de comunidades. (MISKOLCI, p. 3, 2012)

Assim, as mídias digitais e a *internet* se tornam meio que podem auxiliar muito a pesquisa, facilitando o contato com interlocutores e buscando informações do objeto pesquisado.

Com o tema delimitado, o próximo passo foi entrar em contato com possíveis interlocutores para esta pesquisa.

1.2. Contato com os interlocutores

Esta pesquisa foi realizada entrevistando seis interlocutores, sendo três submissas(os) e três Dominadoras(os). Estas pessoas foram escolhidas por já estarem adicionadas ao círculo de amigos virtual do pesquisador no *Facebook* e *Fetlife*, facilitando ao pesquisador iniciar uma conversa e perguntar da possibilidade de uma entrevista.

Destas entrevistas, duas, uma com um Dom e uma com uma Domme, foram realizadas via *Facebook* devido à impossibilidade de entrevista-los pessoalmente, o primeiro por não residir mais na cidade de Campo Grande/MS e a segunda por não haver disponibilidade de tempo que coincidissem com a do pesquisador. As outras quatro entrevistas foram feitas pessoalmente com os interlocutores e, por haver o consentimento, foram gravadas.

Para resguardar a identidade destes praticantes, serão utilizadas siglas para se referir a eles. No caso de Dominadoras(es), será utilizado a letra maiúscula “D” seguida de um número para se referir à um dos entrevistados em particular, como “D1”, “D2” e “D3”; no caso de submissas(os), será utilizado a sigla “sub” seguida de um número, como “sub1”, “sub2” e “sub3”.

Das(os) entrevistadas(os), são mulheres uma Domme (D2) e uma submissa (sub1) e são homens dois Doms (D1 e D3) e dois submissos (sub2 e sub3). A faixa etária dos interlocutores é entre 20 e 45 anos.

O contato com três dos interlocutores foi realizado através do uso do *Facebook* e uma pelo *Fetlife*. Um dos Doms o pesquisador já conhecia pessoalmente, enquanto o outro submisso foi apresentado ao pesquisador por intermédio de uma terceira pessoa que contribuiu com a pesquisa.

As entrevistas foram feitas através de um roteiro aberto, com questões para guiar a conversa, mas durante a entrevista, de acordo com o rumo das falas dos interlocutores, o pesquisador fazia questões pertinentes que estavam fora do roteiro.

Com a ausência de um campo, de um local onde os praticantes de BDSM da cidade possam se encontrar, as mídias digitais assumem um papel importante tanto para que o pesquisador possa entrar em contato com os interlocutores, quanto para que os sujeitos se relacionem e troquem informações.

Duas entrevistas foram realizadas via *Facebook*, em que através do perfil pessoal do pesquisador, ele contatou os interlocutores em conversa privada para realizar a entrevista. Das entrevistas feitas pessoalmente, o pesquisador utilizou o *Facebook* e o *Fetlife* (para entrevistar a sub1), em que as conversas foram marcadas em locais públicos para evitar que houvesse uma conotação de “encontro” (sexual), mas que o interlocutor pudesse se sentir a vontade para conversar sobre um assunto que faz parte de sua intimidade.

Como o pesquisador faz parte do meio, as conversas, tanto por *Facebook* quanto pessoalmente, foram tranquilas, em que nenhum dos interlocutores demonstrou desconfiança, inquietude ou ansiedade. Essa questão facilitou que houvesse uma confiança no pesquisador para se contar acerca de suas vidas íntimas. O roteiro semi-estruturado auxiliou por manter um foco na pesquisa, mas que não deixava a conversa rígida, fechada em perguntas, possibilitando que o pesquisador fizesse perguntas que podiam ser pensadas naquele momento de acordo com o discurso do entrevistado.

Com as entrevistas, é possível se conseguir um vasto material e inúmeras possibilidades de análises. Devido ao formato deste texto, foram escolhidas três categorias para o foco de análise, que são mídias digitais, a confiança e o prazer.

Estas três categorias foram escolhidas por serem questões presentes e muito repetidas no discurso de todos os entrevistados, assim, se tornam chaves para compreender como é a vivência dos praticantes de BDSM no contexto de Campo Grande/MS.

Assim, o estudo dos dados será feito através da análise dos discursos dos entrevistados, dialogando este discurso com o saber prático da cultura BDSM e teorias das Ciências Sociais, mantendo o cuidado de não transportar mecanicamente estudos realizados em outras cidades do Brasil e na Europa para Campo Grande/MS.

Antes de se iniciar as análises dos dados, será necessário embasar teoricamente o estudo. No próximo capítulo, será feita uma revisão bibliográfica acerca dos estudos da sexualidade na teoria social contemporânea e na teoria *Queer*.

2. PREPARANDO O COURO: AS DISCUSSÕES SOBRE SEXUALIDADE E BDSM

2.1. PENETRANDO NOS ESTUDOS DE SEXUALIDADE

Para se compreender os elementos da cultura BDSM, é necessário analisar inicialmente a normatividade construída sobre os corpos e a sexualidade na sociedade ocidental, a qual surge essa subcultura. Um autor importante para se introduzir esta discussão é Michel Foucault (1975; 1976; 1984).

Em sua obra “Vigiar e punir”, Foucault (1975) traz inicialmente um histórico de como as punições eram executadas no final da Idade Média e sua transformação a partir do Renascimento.

O autor mostra como o suplício exercia uma função fundamental para a punição, a qual era feita em público e sua intensidade era definida de acordo com a gravidade de sua pena:

E o corpo do condenado é novamente a peça essencial no cerimonial do castigo público. Cabe ao culpado levar à luz do dia sua condenação e a verdade do crime que cometeu. Seu corpo mostrado, passeado, exposto, supliciado, deve ser como suporte público de um processo que ficara, até então, na sombra; nele, sobre ele, o ato de justiça deve-se tornar legível para todos. (FOUCAULT, p.38, 1975)

Enfatizava-se a importância da tortura e do espetáculo nos rituais de punição, tendo como um dos principais objetivos servir de exemplo ao povo, para provocar um efeito de terror, além de enaltecer a poder do soberano.

Já neste período, o corpo assume papel importante, é o centro da punição. De acordo com o crime cometido, o condenado terá todos os castigos aplicados em seu corpo, como queimaduras, mutilações, esquartejamentos, entre outros.

A partir da segunda metade do século XVIII, as punições públicas e o suplício vão se extinguindo. A população começou a se revoltar com as formas violentas de punição, tendo protestos por parte inclusive de filósofos e teóricos do direito, “é preciso punir de outro modo: eliminar essa confrontação física entre soberano e condenado” (FOUCAULT, p. 63, 1975). Assim, para manter a ordem social, a punição não é mais utilizada como a forma de educar, mas sim a disciplina.

As punições saem do espaço público e se tornam privadas, estabelecendo uma nova economia da punição. Nesta época começaram a se multiplicar as prisões e reformatórios, locais em que os criminosos agora são detidos, separados da sociedade, em que são retidos não mais para serem eliminados, mas para serem “reformados”:

Os “reformatórios” se dão por função, também eles, não apagar um crime, mas evitar que recomece. São dispositivos voltados para o futuro, e organizados para bloquear a repetição do delito [...] Não se pune portanto para apagar um crime, mas para transformar um culpado (atual ou virtual); o castigo deve levar em si uma certa técnica corretiva. (FOUCAULT, p.104-105, 1975)

Para que estes indivíduos possam ser reformados, transformados de massas informes para máquinas precisas e produtivas, surge o chamado “biopoder”, ou seja, um poder que atua sobre o corpo, que o molda. Foucault conceitua o poder não como um privilégio adquirido ou conservado de uma classe dominante, mas o efeito de um conjunto de posições estratégicas, considerando-o também como onipresente:

Ora, o estudo dessa microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma “apropriação”, mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos. (FOUCAULT, p. 26, 1975)

A partir do século XVIII, na denominada “sociedade disciplinar”, se estabelece um padrão do corpo ideal. No início da terceira parte da obra, chamada “Disciplina”, Foucault traz a descrição da figura ideal do soldado do início do século XVII:

Os sinais para reconhecer os mais idôneos para esse ofício são a atitude viva e alerta, a cabeça direita, o estômago levantado, os ombros largos, os braços longos, os dedos fortes, o entre pequeno, as coxas grossas, as pernas finas e os pés secos, pois o homem desse tipo não poderia deixar de ser ágil e forte: [tornado lanceiro, o soldado] deverá ao marchar tomar a cadência dos passos para ter o máximo de graça e gravidade que for possível, pois a Lança é uma arma honrada e mercê ser levantada com um porte grave e audaz (FOUCAULT, p. 117, 1975).

A partir do século XVIII, foi possível se fabricar o corpo do soldado, um corpo útil, dócil e produtivo, que realiza suas funções com precisão sem o desperdício de forças. O corpo do soldado começa a ser fabricado por este biopoder. O chamado “grande livro do Homem-máquina”, denominado por Foucault, foi escrito em dois grandes registros:

No anátomo-metafísico, cujas primeiras páginas haviam sido escrito por Descartes e que os médicos, os filósofos continuaram; o outro, técnico-político, constituído por um conjunto de regulamentos militares, escolares,

hospitalares e por processos empíricos e refletidos para controlar ou corrigir as operações do corpo. (FOUCAULT, p. 117-118, 1975)

A novidade trazida por este biopoder é a coerção insistente e detalhada (“microfísica”) sobre os corpos, exercendo um controle minucioso das operações do corpo, impondo uma relação de docilidade-utilidade, chamada de “disciplinas”:

O momento histórico das disciplinas é o momento que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. (FOUCAULT, p. 119, 1975)

Estas formas de disciplina já eram encontradas em instituições como os colégios, quartéis, monastérios e hospitais, mas passam a se tornar fórmulas gerais para dominação a partir do século XVII, por isso o corpo do soldado se torna símbolo de disciplina, utilidade e docilidade.

Foucault apresenta como os meios da disciplina: a arte das distribuições, ou seja, a distribuição de indivíduos em um determinado espaço; o controle de atividades, através de uma regulação de um tempo para realização das atividades; a organização das gêneses, que consiste em fazer exercícios de forma repetitiva e exaustiva; e a composição das forças, que seria a construção de cada detalhe do corpo, esquadrinhado, em que com a junção das peças, resultaria em uma máquina cuja capacidade será máxima.

Segundo o autor, para que houvesse o sucesso do poder disciplinar, “se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento específico, o exame.” (FOUCAULT, p. 143. 1975).

A vigilância hierárquica seria o exercício do poder através do olhar, em que através de diversas tecnologias, quem exerce o poder vigia os subordinados sem ser visto. Além disso, “a vigilância torna-se um operador econômico decisivo, na medida em que é ao mesmo tempo uma peça interna no aparelho de produção e uma engrenagem específica do poder disciplinar”. (FOUCAULT, p. 147, 1975)

A sanção normalizadora seria o mecanismo penal dos sistemas disciplinares, em que se aplicam punições aos infratores das normas:

Em suma, a arte de punir, no regime do poder disciplinar, não visa nem a expiação, nem mesmo exatamente a repressão. Põe em funcionamento

cinco operações bem distintas: relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto, que é o mesmo tempo campo de comparação, espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir. [...] Medir em termos quantitativos e hierarquizar em termos de valor as capacidades, o nível, a “natureza” dos indivíduos. (FOUCAULT, p. 152, 1975).

Assim, o exame combina as técnicas hierárquicas de vigilância e das sanções que normaliza, estabelecendo sobre os indivíduos uma visibilidade através da qual eles são diferenciados e sancionados, por isso que, o exame se torna altamente ritualizado em todos dispositivos de disciplina.

Um ponto importante desta disciplina é a troca do eixo político da individualização. Foucault evidencia esta mudança usando de exemplo o regime feudal, em que a particularização é realizada quando um indivíduo é detentor de grande poder ou privilégio, além de seu “nome de família” e genealogia. No regime disciplinar, a individualização ocorre ao contrário, ou seja, são individualizados mais os “desvios” do que as proezas, em que se separam os doentes, os loucos, qualquer um que seja considerado dissidente da norma.

Observa-se então, a importância da ciência na fabricação destes corpos disciplinados. São estabelecidos padrões, principalmente pelas ciências biomédicas, dos corpos considerados saudáveis e doentes, normais e anormais. A ciência propõe todo um manual de como o corpo deve ser usado corretamente, de como o indivíduo deve se portar, as atividades necessárias para manter um corpo saudável.

Esta normatização atinge o corpo até a sexualidade, em que se constrói a ideia de como o corpo deve ser utilizado durante o sexo e quais práticas sexuais devem ser realizadas, que mantenham o indivíduo saudável.

Em “A História da Sexualidade I: A Vontade de Saber”, de 1976, Foucault traz como a denominada *Scientia Sexualis* produziu uma normatização e um controle sobre a sexualidade.

O crescimento das perversões não é um tema moralizador que acaso tenha obcecado os espíritos escrupulosos dos vitorianos. É o produto real da interferência de um tipo de poder sobre os corpos e seus prazeres. Talvez o Ocidente não tenha sido capaz de inventar novos prazeres e, sem dúvida, não descobriu vícios inéditos, mas definiu novas regras no jogo dos poderes e dos prazeres: nele se configurou a fisionomia rígida das perversões. (FOUCAULT, 1976, p.55-56)

É importante enfatizar o papel controlador do poder, não repressivo. Foucault elabora uma crítica à hipótese de que o sexo era reprimido.

Século XVII: seria o início de uma época de repressão própria das sociedades chamadas burguesas, e da qual talvez ainda não estivéssemos completamente liberados. Denominar o sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso. Como se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível. [...] Ora, considerando-se esses três últimos séculos em suas contínuas transformações, as coisas aparecem bem diferentes; em torno e a propósito do sexo há uma verdadeira explosão discursiva. (FOUCAULT, p. 23, 1976)

Assim, o autor evidencia que há um equívoco em dizer que houve uma repressão sobre o discurso sobre sexo a partir do século XVII. Pelo contrário, os indivíduos eram cada vez mais instigados a falar sobre.

Com a explosão de sexualidades, a sociedade disciplinar precisava controlar o sexo para que a energia dos indivíduos fosse direcionada ao trabalho, para a produção. Para isto, a chamada *scientia sexualis* utilizou da confissão, utilizada também anteriormente pela Igreja Católica, para criar seu discurso de verdade. Esta ciência:

Desenvolveu, no decorrer dos séculos, para dizer a verdade sobre o sexo, procedimentos que ordenam, quanto ao essencial, em função de uma forma de poder-saber rigorosamente oposta à arte das iniciações e ao segredo magistral, que é a confissão (FOUCAULT, p. 66, 1976).

Assim, o indivíduo era obrigado a contar todos seus segredos de sua vida sexual para o especialista, que colhe estas informações e produz o discurso de verdade. Diferentemente da chamada *ars erotica*, o discurso da confissão não vem de cima, do conhecedor, mas de baixo, pela palavra de quem está sendo obrigado a se confessar:

Sua verdade não é garantida pela autoridade ativa do magistério, nem pela tradição por ele transmitida, mas pelo vínculo, pela mútua implicação, essencial ao discurso, entre aquele que fala e aquilo de que fala. Em compensação, a instância de dominação não se encontra do lado que fala (pois é ele o pressionado) mas do lado de quem escuta e cala; do não lado do que sabe e responde, mas do que interroga e supostamente ignora. E, finalmente, este discurso de verdade adquire efeito, não em quem o recebe, mas sim naquele de quem é extorquido. Com essas verdades confessadas estamos muito longe das sábias iniciações ao prazer, com sua técnica e sua mística. Pertencemos, em compensação, a uma sociedade que articulou o difícil saber do sexo, não na transmissão do segredo, mas em torno da lenta ascensão da confiança. (FOUCAULT, p. 71-72, 1976).

Estas técnicas mais rigorosas para se formar o discurso da sexualidade, foram formadas rigorosamente nas classes economicamente privilegiadas e politicamente dirigentes, ou seja, foi a família burguesa que se problematizou a sexualidade, inicialmente, de mulheres e crianças, enquanto as camadas populares também se tornaram alvo deste processo apenas com a organização da família canônica.

Como o corpo, o sexo passa a ser legitimamente um discurso de autoridade médica, em que, extorquindo os dados pela confissão, o especialista tece toda uma rede de causalidade sexual, interpreta estes dados para validá-lo cientificamente e coloca este discurso de verdade no regime do normal ou do patológico, sendo que os dados obtidos pela confissão não tratam apenas do que o sujeito gostaria de dizer, mas daquilo que se esconde ao próprio sujeito.

Assim, a sexualidade é formada pelo discurso de poder-saber da *scientia sexualis*, é um dispositivo histórico criado pela sociedade moderna:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, p. 116-117, 1976).

Foucault traz quatro grandes conjuntos estratégicos que desenvolvem dispositivos específicos dentro do discurso formado sobre o sexo: a histerização do corpo da mulher, pedagogização do sexo da criança, socialização das condutas de procriação e psiquiatrização do prazer perverso.

A histerização do corpo da mulher foi um processo em que se analisou o corpo da mulher, colocando nele uma responsabilidade biológico-moral de ser mãe sendo as mulheres que não seguissem este papel, consideradas loucas. Na pedagogização do sexo da criança, é colocada uma dupla afirmação, de que a maioria das crianças se dedica ou é suscetível a uma atividade sexual, sendo ao mesmo tempo “natural” e “anti-natural” e trazendo perigos físicos e morais, em que um exemplo desta pedagogização foi a luta contra a masturbação. A socialização das condutas de procriação foi a socialização econômica da fecundidade dos casais, política mediante a responsabilização dos casais a toda sociedade, e médica pelo valor patogênico atribuído às práticas de controle de nascimentos. Na psiquiatrização do prazer perverso, fez-se uma análise clínica de todas as anomalias que poderiam afetar o instinto sexual e o psíquico autônomo, atribuindo um

papel de normalização e patologização de toda a conduta, além de se procurar técnicas corretivas das anomalias sexuais, assim,

A implantação das perversões é um efeito-instrumento: é através do isolamento, da intensificação e da consolidação das sexualidades periféricas que as relações do poder com o sexo e o prazer se ramificam e multiplicam, medem o corpo e penetram nas condutas. E, nesse avanço dos poderes, fixam-se sexualidades disseminadas, rotuladas segundo uma idade, um lugar, um gosto, um tipo de prática. (FOUCAULT, p. 56, 1976)

Em diversos manuais e livros médicos acerca de patologias, os desvios sexuais ou sexualidades dissidentes são listados, categorizados, descritos e exemplificados, sendo estudadas maneiras também de se curar estes “distúrbios”.

Na psiquiatrização das perversões, o sexo foi referido a funções biológicas e a um aparelho anátomo-fisiológico que lhe dá “sentido”, isto é, finalidade; também a um instinto que, através do seu próprio desenvolvimento e de acordo com os objetos a que pode se vincular, torna possível o aparecimento das condutas perversas e, sua gênese, inteligível; com isso o “sexo” se define por um entrelaçamento de função e instinto, de finalidade e significação; e sob essa forma, manifesta-se, melhor do que nunca, na perversão modelo, nesse “fetichismo” que, pelo menos a partir de 1877, serviu de fio condutor à análise de todos os outros desvios, pois nele se lia a fixação do instinto em um objeto à maneira da aderência histórica e da inadequação biológica (FOUCAULT, p. 167-168, 1976).

Estas patologias são criadas pelo discurso normativo que coloca o sexo como “natural”, classificando como doente condutas e práticas consideradas “não-naturais”.

O autor também traz a ideia do dispositivo da sexualidade ter se sobreposto ao dispositivo da aliança, que é o “sistema matrimonial, de fixação e desenvolvimento dos parentescos, de transmissão de nomes e bens” (FOUCAULT, p. 117, 1976). Enquanto o dispositivo de alianças está ordenado para uma harmonia do corpo social, o da sexualidade tem como razão de ser proliferar, inovar, inventar, penetrar e controlar os corpos de maneira cada vez mais detalhada e de modo global.

Para Foucault, o dispositivo da sexualidade vai surgindo nos entremeios do dispositivo da aliança, pois antes, no tribunal da penitência, se julgava o sexo como suporte de relações, colocando-se em questão o permitido e o proibido, com a nova pastoral passou-se a colocar como problemática a “carne”, ou seja, o corpo, as sensações, a natureza dos prazeres, entre outros.

Posteriormente, Beatriz Preciado (2002) em seu livro “*Manifiesto Contra-Sexual*” avança nas discussões propostas por Foucault. Segundo a autora, a construção do sexo,

como órgão e prática, é uma tecnologia da sexualidade formada pelo discurso da ciência, estabelecendo então o discurso de igualdade entre natureza e heterossexualidade, considerando qualquer desvio como “anti-natural”:

El sexo, como órgano y práctica, no es ni un lugar biológico preciso ni una pulsión natural. El sexo es una tecnología de dominación heterosocial que reduce el cuerpo a zonas erógenas en función de una distribución asimétrica del poder entre los géneros (femenino/masculino), haciendo coincidir ciertos afectos con determinados órganos, ciertas sensaciones com determinadas reacciones anatómicas (PRECIADO, p.22, 2002).

Ou seja, a própria ideia de natureza sexual humana é construída pelo discurso heteronormativo, que produz a feminilidade e a masculinidade, os papéis e práticas e sexuais, fragmenta os corpos e foca as zonas erógenas nos órgãos genitais.

Los roles y las prácticas sexuales, que naturalmente se atribuyen a los géneros masculino y femenino, son un conjunto arbitrario de regulaciones inscritas en los cuerpos que aseguran la explotación material de un sexo sobre el otro (PRECIADO, p.22, 2002).

Assim, esta chamada máquina heterossexual utiliza de elementos como o pênis e a vagina, os cromossomos XY e XX e os hormônios testosterona e estrogênio, respectivamente, para naturalizar seu discurso e sua tecnologia da sexualidade que estabelecem as diferenças entre masculino e feminino. Logo, os chamados “órgãos sexuais” como tais não existem:

Los órganos, que reconocemos como naturalmente sexuales, son ya el producto de una tecnología sofisticada que prescribe el contexto en el que los órganos adquieren su significación (relaciones sexuales) y se utilizan con propiedad, se acuerdo a su “naturaleza” (relaciones heterossexuales). Los contextos sexuales se establecen por medio de delimitaciones espaciales y temporales sesgadas. La arquitectura es política. Es la que organiza y las califica: públicas o privadas, institucionales o domésticas, sociales o íntimas (PRECIADO, p.26-27, 2002).

A autora traz a noção de “contra-sexualidade”, influenciada por Foucault, em que a forma mais eficaz de se resistir a disciplina da sexualidade na sociedade ocidental seria não a luta contra a proibição, mas uma “contra-produtividade”, ou seja, a produção de novas formas de prazer-saber.

Assim, se desconstruiria a natureza como ordem que legitima a sujeição dos corpos de uns a outros, as noções naturalizantes das práticas sexuais e do sistema de gênero e a equivalência entre todos os “corpos-sujeitos falantes”, em que se faria uma

análise crítica das diferenças de gênero e sexo criadas pelo contrato social heterocentrado, substituindo por um contrato contra-sexual:

La contra-sexualidad es en primer lugar: un análisis crítico de la diferencia de género y de sexo, producto del contrato social heterocentrado, cuyas performatividades normativas han sido inscritas en los cuerpos como verdades biológicas (Judith Butler, 2001). En segundo lugar: la contra-sexualidad apunta a sustituir este contrato social que denominamos Naturaleza por un contrato contra-sexual. En el marco del contrato contra-sexual, los cuerpos se reconocen a sí mismos no como hombres o mujeres, sino como cuerpos parlantes, y reconocen a los otros como cuerpos parlantes. Se reconocen a sí mismos la posibilidad de acceder a todas las prácticas significantes, así como a todas las posiciones de enunciación. En tanto sujetos, que la historia ha determinado como masculinas, femeninas o perversas. Por consiguiente, renuncian no solo a una identidad sexual cerrada y determinada natural (PRECIADO, p. 18, 2002).

Este contrato contra-sexual sería baseado no saber prático das comunidades sadomasoquistas.

O manifesto defende a sexualização total do corpo. Como citado, o prazer é centrado nos órgãos genitais pelo sistema heteronormativo, os exemplos citados para esta sexualização total seriam a erotização do ânus, local que foi privatizado e tirado do campo social; a utilização de *dildos*⁴, que não seriam apenas vibradores, mas qualquer parte do corpo; e as relações sadomasoquistas.

A contra-sexualidade busca superar os binarismos “homem/mulher”, “heterossexualidade/homossexualidade”, “masculino/feminino”, definindo a sexualidade:

Como tecnología, y considera que los diferentes elementos del sistema sexo/género denominados “hombre”, “mujer”, “homossexual”, “heterossexual”, “transexual”, así como sus prácticas e identidades sexuales no son sino máquinas, productos, instrumentos, aparatos, trucos, prótesis, redes, aplicaciones, programas, conexiones, flujos de energía y de información, interrupciones e interruptores, laves, leyes de circulación, fronteras, constreñimientos, diseños, lógicas, equipos, formatos, accidentes, detritos, mecanismos, usos, desvíos... (PRECIADO, p.19, 2002).

⁴ *Dildos* são popularmente conhecidos como objetos utilizados como brinquedos sexuais que imitam partes do corpo, como pênis e punhos, utilizados para a penetração. Para Preciado (2002), os *dildos* não são apenas brinquedos que imitam a anatomia de um pênis, mas todas as partes do corpo podem ser utilizadas como *dildos*, “La formación de la palabra dildo en castellano estaría etimológicamente justificada por la relación con la palabra latina dilección, amor, goce, de la que derivan entre otras la palabra dilección, voluntad honesta y amor reflexivo. De hecho, esta última acepción me ha parecido una buena significación para dildo: amor reflexivo.” (PRECIADO, p. 161, 2002).

Toda esta tecnologia empregada para a disciplina dos corpos, definições do sistema sexo/gênero e normatização da sexualidade fazem parte do chamado “projeto de civilização” proposta pela sociedade ocidental.

Zygmunt Bauman (1998), em seu livro “O mal-estar da pós-modernidade”, traz a discussão do conceito de “pureza” e “estranho” na sociedade ocidental. Estes conceitos vêm da ideia de assepsia, que no contexto do sexo, seria o que é considerado o sexo “limpo”, que legitima determinadas práticas sexuais, fluidos utilizados, modos de se usar o corpo, entre outros aspectos, determinados pelo padrão da heteronormatividade:

A pureza é uma visão das coisas colocadas em lugares diferentes dos que elas ocupariam, se não fossem levadas a mudar para outro, impulsionadas, arrastadas ou incitadas; e é uma visão da ordem – isto é, de uma situação em que cada coisa se acha em seu justo lugar e nenhum outro (BAUMAN, p. 14, 1998).

Se esta pureza é a ordem, a desordem seria a “sujeira”, qualquer elemento que destoe e prejudique a ordem proposta. Com todo o processo de normatização da sociedade moderna, ela acaba gerando seus estranhos, os indivíduos ou grupos que “sujam” a sociedade:

Ao mesmo tempo que traça suas fronteiras e desenha seus mapas cognitivos, estéticos e morais, ela não pode senão gerar pessoas que encobrem limites julgados fundamentais para sua vida ordeira e significativa, sendo assim acusadas de causar a experiência do mal-estar como a mais dolorosa e menos tolerável. (BAUMAN, 1997, p. 27).

Este processo atua nos variados campos sociais, como a saúde, em que se acaba com cortiços, no caso do Brasil, que eram considerados focos de doenças; no cotidiano, em que se torna mal visto arrotar e flatular durante uma refeição, o corpo é treinado para se adequar aos horários certos para fazer as necessidades fisiológicas; entre outros aspectos.

Assim, no campo do corpo, gênero e sexualidade, o “sonho de pureza” também exerceu seu discurso de poder através da ciência, que classificou as sexualidades “normais” e “anormais”, produziu corpos dóceis para o trabalho, e dividiu o gênero em “masculino” e “feminino”.

Segundo Gayle Rubin (1984), “sociedades ocidentais modernas avaliam os atos sexuais de acordo com um sistema hierárquico de valores sexuais” (RUBIN, p. 13-14, 2003). Assim:

A noção de uma sexualidade ideal singular caracteriza a maioria dos sistemas de pensamento sobre o sexo. Para a religião o ideal é o casamento procriativo. Para a psicologia é a heterossexualidade madura. (RUBIN, p. 18, 1984)

Para a autora, o BDSM está entre as práticas sexuais mais detestáveis:

As castas sexuais mais desprezadas correntemente incluem transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, trabalhadores do sexo como as prostitutas e modelos pornográficos, e abaixo de todos, aqueles cujo erotismo transgride as fronteiras geracionais. (RUBIN, p. 14, 1984)

No próximo tópico, será colocado o discurso das ciências médicas acerca do BDSM, desde o fundador dos termos sadismo e masoquismo, Richard Von Krafft-Ebing (1886), até um exemplo mais recente, do médico Genival Veloso de França (1972).

2.2. PSIQUIATRIA E PSICANÁLISE

Nesta produção de sexualidades “normais” e “anormais”, o BDSM ou sadomasoquismo é classificado como um “desvio sexual”, sendo descrito em autores clássicos como Richard Von Krafft-Ebing (psiquiatria) e Sigmund Freud (psicanálise), aparecendo também em manuais como o DSM-IV – Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais.

Richard Von Krafft-Ebing foi um psiquiatra alemão, conhecido por introduzir em suas obras os conceitos de “sadismo”, “masoquismo” e “fetichismo”, tendo como seu livro mais famoso a *Psycopathia Sexualis*, de 1886.

O termo “sadismo” foi cunhado a partir da alcunha de Donatien Alphonse François de Sade, o Marquês de Sade, enquanto “masoquismo” é derivado do nome do escritor e jornalista Leopold Von Sacher-Masoch, sendo seu nome utilizado devido ao seu romance “A Vênus de Peles”, de 1870.

Segundo Krafft-Ebing:

As anomalias das funções sexuais são encontradas especialmente nas raças civilizadas. Esse fato explica-se, em parte, pelo frequente abuso dos órgãos sexuais, e em parte, pelo fato de que essas anomalias funcionais são basicamente sinais de uma condição doentia hereditária do sistema nervoso central (“sinais funcionais de degeneração”). Uma vez que os órgãos genitais têm uma importante relação funcional com todo o sistema nervoso, e especialmente com suas funções psíquicas e somáticas, é fácil compreender a frequente ocorrência de neuroses e psicoses gerais em

distúrbios sexuais (funcionais ou orgânicos) (KRAFFT-EBING, p. 3, 1886).

O autor classifica o sadismo e o masoquismo com uma “parestesia”, ou seja, perversão do instinto sexual, que seria a excitabilidade das funções sexuais de maneiras inadequadas. Além de definições, são relatados no *Psychopathia Sexualis* 239 casos estudados por Krafft-Ebing, classificando o “problema” de cada caso.

Assim, o conceito de sadismo:

Consiste em que a associação de volúpia e crueldade, indicada na consciência fisiológica, torna-se fortemente marcada por uma base psiquicamente degenerada, e esse impulso voluptuoso combinado com representações de crueldade aumenta até se transformar em poderosos afetos. (KRAFFT-EBING, p. 7, 1886)

Enquanto o masoquismo:

É a contrapartida do sadismo, na medida em que a culminância do prazer decorre de atos temerários de violência sofridos nas mãos do parceiro. Em proporção direta com a intensidade do instinto perverso e com a força remanescente dos contra motivos morais e estéticos, compõe uma gradação que vai dos atos mais abomináveis e monstruosos aos mais visíveis e absurdos. (KRAFFT-EBING, p. 7-8, 1886)

Para Krafft-Ebing, situações extremas de práticas sádicas podem acarretar no homicídio do parceiro, o que é chamado de “assassinato por luxúria”.

Outro conceito também trazido pelo autor é do “fetichismo” que:

Investe de sensações voluptuosas a representação imaginária de partes isoladas do corpo ou peças de vestuário do sexo oposto, ou até mesmo simples pedaços de pano. O aspecto patológico dessa manifestação pode ser deduzido do fato de que o fetichismo de partes do corpo nunca tem relação direta com o sexo, de que concentra todo o interesse sexual naquela parte separada do corpo como um todo (KRAFFT-EBING, p. 8, 1886).

Posteriormente, Sigmund Freud, fundador da psicanálise, utiliza o termo “sadomasoquismo”, pois um polo seria a expressão do outro e vice-versa, por o sadismo e o masoquismo serem duas faces da pulsão de morte. O conceito da pulsão de morte seria uma tendência psíquica autodestrutiva unida à libido:

Que a crueldade e a pulsão sexual estão intimamente correlacionadas é-nos ensinado, acima de qualquer dúvida, pela história da civilização humana, mas no esclarecimento dessa correlação não se foi além de acentuar o fator agressivo da libido. Segundo alguns autores, essa agressão mesclada à pulsão sexual é, na realidade, um resíduo de desejos canibalísticos e, portanto, uma co-participação do aparelho de dominação, que atende à

satisfação de outra grande necessidade ontogeneticamente mais antiga (FREUD, p. 94, 1905).

Para Freud:

O sadismo corresponderia a um componente agressivo autonomizado e exagerado da pulsão sexual, movido por deslocamento para o lugar preponderante. [...] De maneira similar, a designação de “masoquismo” abrange todas as atitudes passivas perante a vida sexual e o objeto sexual, a mais extrema das quais parece ser o condicionamento da satisfação ao padecimento de dor física ou anímica advinda do objeto sexual [...] É freqüente poder-se reconhecer que o masoquismo não é outra coisa senão uma continuação do sadismo que se volta contra a própria pessoa, que com isso assume, para começar, o lugar do objeto sexual. [...] O sadismo e o masoquismo ocupam entre as perversões um lugar especial, já que o contraste entre atividade e passividade que jaz em sua base pertence às características universais da vida sexual (FREUD, p. 94, 1905).

Freud também trata acerca do fetichismo:

A transição para os casos de fetichismo com renúncia ao alvo sexual, seja este normal ou perverso, constitui-se dos casos em que se exige do objeto sexual uma condição fetichista para que o alvo sexual seja alcançado [...] O caso só se torna patológico quando o anseio pelo fetiche se fixa, indo além da condição mencionada, e se coloca no lugar do alvo sexual normal, e ainda, quando o fetiche se desprende de determinada pessoa e se torna o único objeto sexual. São essas as condições gerais para que meras variações da pulsão sexual se transformem em aberrações patológicas. (FREUD, p. 92-93, 1905)

Utilizando de um exemplo mais recente, em França (1972), o sadismo e o masoquismo (definidos em tópicos diferentes) são considerados “distúrbios do instinto sexual”, sendo o sadismo “o desejo e a satisfação sexual realizados com o sofrimento da pessoa amada, exercido pela crueldade do pervertido, indo muitas vezes até a morte” (FRANÇA, p. 166, 1972), e o masoquismo “é o prazer sexual através do sofrimento físico ou moral” (FRANÇA, p. 166, 1972). Segundo o autor, assim como em Krafft-Ebing (1886), o “grande sadismo” pode ir até o homicídio para se atingir o prazer sexual. O fetichismo seria:

Uma absorção completa do amor por uma determinada parte do corpo ou objetos pertencentes à uma pessoa amada [...] No fetichismo, o pervertido se envolve apenas na excitação de uma parte da pessoa ou de um pertence. [...] A fronteira da perversão se enceta no instante em que o objeto se transforma em elemento integrante da satisfação sexual (FRANÇA, p. 163-164, 1972).

Em casos relatados tanto em Krafft-Ebing (1886) quanto em França (1972), vários dos “sádicos” descritos causavam dor a outras pessoas de forma não consensual, como o “Caso 28” de Krafft-Ebing:

Caso 28. Sadismo: Por volta de 1860 os habitantes de Leipzig foram aterrorizados por um homem que costumava atacar moças jovens na rua, perfurando-as no braço com uma adaga. Quando finalmente foi preso, reconheceram nele um sádico, que ejaculava, no instante de apunhalar e para quem o ataque às mulheres era um equivalente do coito (KRAFFT-EBING, p. 36, 1886).

Assim como França relata o final da vida do Marquês de Sade:

No fim da vida contentava-se com o prazer de obter cestos de belas e raras flores e sentar-se junto a um charco de lama. Ali tomava as flores uma por uma, contemplava-as e aspirava-lhes voluptosamente o perfume, imergia-as na sarjeta e se ia satisfeito, numa forma simbolizada do seu imenso e trágico sadismo (FRANÇA, p. 166, 1972).

Além disso, o sadismo, masoquismo e o fetichismo aparecem também no DSM-IV – Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais, na categoria denominada “TRANSTORNOS\Transtornos Sexuais e da Identidade de Gênero\Parafilias”. Neste manual redigido pela Associação Psiquiátrica Americana, o masoquismo aparece como “O foco parafílico do Masoquismo Sexual envolve o ato (real, não simulado) de ser humilhado, espancado, atado ou de outra forma submetido a sofrimento”. (ASSOSSIAÇÃO p. 839, 1995), e o sadismo “O foco parafílico do Sadismo Sexual envolve atos (reais, não simulados) nos quais o indivíduo deriva excitação sexual do sofrimento psicológico ou físico (incluindo humilhação) da vítima” (ASSOSSIAÇÃO, p. 840, 1995). O fetichismo “envolve o uso de objetos inanimados (“fetiches”).” (ASSOSSIAÇÃO, p. 835, 1995), sendo estes objetos tanto peças de roupas, como calcinhas, quanto a objetos de estimulação genital, ou vibradores.

Importante enfatizar que nos relatos destes autores, o sadismo aparece também como atos criminosos, não consensuais, enquanto o masoquismo ocorre em pessoas que fazem de tudo para serem humilhadas ou apanharem, incluindo atos não consensuais como provocar outras pessoas para que estas agriam o masoquista. Como estes casos não são consensuais, não fazem parte do universo BDSM, logo não serão analisados.

A seguir serão colocados reflexões teóricas de Foucault (1984) e Preciado (2002) acerca do BDSM e os conceitos existentes no saber prático da cultura BDSM,

esclarecendo também como a consensualidade é um dos pilares para se estabelecer as relações BDSM.

2.3. DUPLA PENETRAÇÃO: O BDSM NA SOCIOLOGIA E O SABER PRÁTICO

O BDSM é a sigla para “*bondage*/disciplina, dominação/submissão, sadismo/masochismo”⁵, mas é conhecido popularmente também como sadomasoquismo. No texto, BDSM e sadomasoquismo serão tratados como sinônimos. Apesar desta sigla, há vários outros fetiches e práticas que compõem o universo BDSM.

Em entrevista, Foucault (1984) coloca a importância da subcultura S/M na invenção de novos prazeres, e não como uma descoberta de tendências sadomasoquistas do inconsciente:

Eu não penso que o movimento das práticas sexuais tenha a ver com colocar em jogo a descoberta de tendências sado-masochistas profundamente escondidas em nosso inconsciente. Eu penso que o S/M é mais que isso, é a criação real de novas possibilidades de prazer, que não se tinha imaginado anteriormente. A idéia de que o S/M é ligado com uma violência profunda e que essa prática é um meio de liberar essa violência, de dar vazão à agressão é uma idéia estúpida. Nós sabemos muito bem que essas pessoas não são agressivas entre elas; que elas inventam novas possibilidades de prazer utilizando certas partes estranhas do corpo — erotizando o corpo. Eu acredito que temos uma forma de criação, de depósito de criatividade, dos quais a principal característica é o que chamo de dessexualização do prazer. A idéia de que o prazer físico provém sempre do prazer sexual e a idéia de que o prazer sexual é a base de *todos* os prazeres possíveis, tem, penso eu, verdadeiramente algo de falso. O que essas práticas de S/M nos mostram é que nós podemos produzir prazer a partir dos objetos mais estranhos, utilizando certas partes estranhas do corpo, nas situações mais inabituais, etc. (FOUCAULT, p.263-264, 1984).

Assim, O sadomasoquismo aparece como uma forma de dessexualização do prazer e erotização total do corpo, utilizando partes e objetos considerados estranhos para o prazer além de novas sensações, como a dor.

Para Foucault, o S/M erotiza as relações de poder e cria paródias a partir delas, e não simplesmente as reproduzem:

Pode-se dizer que o S/M é a erotização do poder, a erotização das relações estratégicas. O que me choca no S/M é a maneira como difere do poder social. O poder se caracteriza pelo fato de que ele constitui uma relação

⁵ *Bondage/discipline, domination/submission, sadismo/masochism.*

estratégica que se estabeleceu nas instituições. No seio das relações de poder, a mobilidade é o que limita, e certas fortalezas são muito difíceis de derrubar por terem sido institucionalizadas, porque sua influência é sensível no curso da justiça, nos códigos. Isso significa que as relações estratégicas entre os indivíduos se caracterizam pela rigidez. Dessa maneira, o jogo do S/M é muito interessante porque, enquanto relação estratégica, é sempre fluida. Há papéis, é claro, mas qualquer um sabe bem que esses papéis podem ser invertidos. Às vezes, quando o jogo começa, um é o mestre e, no fim, este que é escravo pode tornar-se mestre. Ou mesmo quando os papéis são estáveis, os protagonistas sabem muito bem que isso se trata de um jogo: ou as regras são transgredidas ou há um acordo, explícito ou tácito, que definem certas fronteiras. Este jogo é muito interessante enquanto fonte de prazer físico. Mas eu não diria que ele reproduz, no interior de uma relação erótica, a estrutura de uma relação de poder. É uma encenação de estruturas do poder em um jogo estratégico, capaz de procurar um prazer sexual ou físico. (FOUCAULT, p. 270-271, 1984)

Estes elementos de uma invenção de novos prazeres é que permitem caracterizar, segundo Foucault, o S/M como uma subcultura:

A prática do S/M desencadeia sobre a criação do prazer e existe uma identidade entre o que acontece e essa criação. É a razão pela qual o S/M é verdadeiramente uma subcultura. É um processo de invenção. O S/M é a *utilização* de uma relação estratégica como fonte de prazer (de prazer físico). Esta não é a primeira vez que as pessoas utilizam as relações estratégicas como fonte de prazer. Havia, na Idade Média, por exemplo, a tradição do amor cortês, com o trovador, a maneira que se instauram as relações amorosas entre uma dama e seu amante, etc. Tratava-se, também, de um jogo estratégico. Este jogo é retomado, hoje, entre os garotos e garotas que vão dançar sábado à noite. Eles colocam em cena relações estratégicas. O que é interessante é que, na vida heterossexual, essas relações estratégicas precedem o sexo. Elas existem seguindo a finalidade de obter o sexo. No S/M, por outro lado, essas relações estratégicas fazem parte do sexo, como uma convenção de prazer no interior de uma relação particular. Em um dos casos, as relações estratégicas são puramente sociais e é o ser social que é objetivado; enquanto que no outro caso, o corpo é o implicado. E é essa transferência de relações estratégicas que passam do ritual da corte ao plano sexual, o que é particularmente interessante. (FOUCAULT, p. 271-272, 1984)

A filósofa Beatriz Preciado coloca as práticas S/M como transgressoras da normatividade heterossexual:

Las prácticas S&M, así como la creación de pactos contractuales que regulan los roles de sumisión y dominación, han hecho manifiestas las estructuras eróticas de poder sub-yacentes al contrato que la heterosexualidad ha impuesto como natural. (PRECIADO, p.28, 2002).

Segundo a autora, o BDSM aparece como uma alternativa de erotização total do corpo, que desfoca o prazer das áreas genitais. A construção do prazer focado nos órgãos

genitais, que também são utilizados como referência para construção do gênero, é efeito da heteronormatividade.

Além da invenção de novos prazeres, outros elementos contribuem para que este conjunto de práticas forme uma cultura, segundo Leite Júnior:

A cultura S&M possui comportamentos, ritos, locais e códigos que identificam os “adeptos” ao mesmo tempo em que delimitam seu “corpus”. Mas mesmo entre os praticantes não há demarcações claras do que faz parte exclusiva do sadomasoquismo ou não. Para ser mais claro: existem várias “subdivisões” dentro deste conceito maior [...] Na verdade, o que as une não é a questão dor/prazer ou submissão e dominação, que a princípio o nome S&M leva a crer, mas sim a recusa a uma sexualidade “comum”. (LEITE JÚNIOR, p.17-18, 2000)

Para Leite Júnior (2008), o que une os elementos do BDSM não é apenas a dor e o prazer, a submissão e dominação:

Sob o termo “sadomasoquismo”, muitas práticas podem ser reconhecidas. Pode-se afirmar que o que as une não é unicamente a questão dor/ prazer ou submissão e dominação, mas sim a recusa a uma sexualidade a princípio considerada comum”, chamada jocosamente de “baunilha”, como o sexo visando apenas a procriação, as proibições religiosas e a padronização de posições e sensações durante o ato. (LEITE JÚNIOR, p. 18, 2000)

Como mostrado em Preciado (2002), Leite Júnior também enfatiza que a penetração genital não é o fim único para as relações BDSM, mas que há uma “genitalização” total do corpo:

Não existe a necessidade última de uma relação genital, pois toda a cena é sexo, todo o relacionamento é sexualizado ao máximo, e o uso (ou não) dos aparelhos reprodutores também está sujeito a uma prévia combinação. A carga de energia emocional é o que conta em primeiro lugar. Por isso, um adepto diz: “*Uma boa cena não termina com orgasmo - termina com catarse*” (LEITE JÚNIOR, p, 30, 2000).

Por ser considerada uma sexualidade dissidente, a *internet* se torna um meio para comunicação entre os praticantes e auxilia na formação de uma identidade através no compartilhamento de informações acerca da prática, como observa Zilli (2009), em um artigo baseado em sua dissertação de mestrado:

Por ser um meio que se caracteriza pela facilidade de comunicação, pela promessa de anonimato e pela oportunidade de contatar indivíduos que partilham interesses em comum, a Internet tornou-se ideal para a formação de grupos identitários que criam diversos tipos de comunidades virtuais.

Além disso, os discursos sobre o BDSM encontram-se num contexto de suporte à própria ideia de um grupo identitário, pois reproduzem a noção de pertencimento através da informação de técnicas, conceitos e definições. (ZILLI, p. 483-484, 2009)

Assim, na *internet* são criados *blogs* que tratam destes assuntos, além de existir uma rede social própria para os praticantes, chamada “*Fetlife*”⁶.

A partir de Zilli (2009), se observa que são compartilhados na *internet* “manuais” que trazem conceitos utilizados dentro da cultura BDSM, definições, técnicas, dicas de práticas entre outros. Em Leite Júnior (2000) e Zilli (2009) é mostrado que não há uma única definição ou um manual universal, mas:

Apesar de não haverem regras e códigos universais, alguns elementos são comuns e/ou facilmente identificáveis entre os adeptos, assim como formas de conduta e uma certa ética são também exigidas (LEITE JÚNIOR, p. 20, 2000).

É mostrado por Facchini e Machado (2013) quando a sigla BDSM começa a ser utilizada no contexto brasileiro:

A apropriação com sentido erótico da categoria sadomasoquismo e/ou a adesão ao acrônimo BDSM têm se feito presentes no Brasil desde pelo menos o início da década de 1980. Num primeiro momento, essa presença pode ser notada por meio da produção de literatura erótica e pela comunicação de praticantes em revistas e classificados eróticos. (FACHINNI; MACHADO, p.199, 2013)

Estas autoras mostram também como a *internet* assume papel importante para se estabelecer relações entre a comunidade BDSM, seja para conhecer outros praticantes ou compartilhar informações:

Outra forma importante de comunicação pela internet são os blogs, um vasto conjunto a partir do qual se tem feito pouca pesquisa. Há, ainda, todo um universo relacionado com práticas sexuais mediadas por computadores, que ganham nova configuração com a criação de “mundos virtuais”, como é o caso do Second Life, onde o BDSM também tem lugar. (FACHINNI; MACHADO, p.199, 2013)

Dentro desta subcultura, existem dois “papéis”: de Dominador(a)⁷ e submisso(a)⁸. Há também os chamados *switchers*, mas são caracterizados por possuírem um papel

⁶<https://fetlife.com/>

⁷ São usados como sinônimos de Dominador(a): Dom ou Domme, Top, Senhor ou Senhora, Rainha (caso feminino).

⁸ São usados como sinônimos de submisso(a): escravo(a), bottom.

fluido, em uma ocasião pode exercer uma dominação, em outro pode ser submisso. Assim, a relação sadomasoquista se baseia no “D/s”, ou “Dominação e submissão”, existindo sempre um dominador e um dominado. Os praticantes não consideram o BDSM um adicional para o sexo, mas o sexo, com penetração genital, mas o sexo pode (ou não) ser um adicional do BDSM. Como é uma relação não-convencional, a gíria “baunilha” é utilizada para pessoas que possuem relacionamentos convencionais, como namoro, casamento e sexo focado na penetração. Um diferencial de uma relação BDSM para uma convencional, é que o submisso se torna posse do Dominador, devendo sempre obedecê-lo e agradecer.

Importante ressaltar o caráter consensual destas relações de dominação. As práticas do BDSM são apoiadas em três pilares resumidas na sigla “SSC”, significando “São, Seguro e Consensual”. Assim, as relações D/s são formadas a partir de um contrato, em ambas as partes devem explicitar seus limites corporais e psicológicos, problemas de saúde. Assim:

A análise do discurso de legitimação BDSM demonstra a posição central que a noção de consentimento ocupa como o principal critério de distinção entre uma forma de sexualidade sadia e as formas patológicas, sendo entendida como exercício e a expressão da vontade individual de participar de uma atividade sexual (ZILLI, p. 483, 2009).

Durante as chamadas sessões ou cenas⁹, é importante tanto o Dominador como o submisso estarem sãos, não alcoolizados e sem terem consumido drogas. Estas medidas são tomadas como precauções para manter a saúde física e psicológica dos praticantes, afinal, como descrito no blog “submisso real”¹⁰: “Nestas relações, Dominadores e submisso, buscam o prazer através da realização de fetiches”.

Nas sessões ou cenas, para o caso dos limites do submisso serem ultrapassados, este deve recorrer ao código chamado *safeword*, que “é uma palavra ou série de palavras-códigos que são utilizadas em BDSM com o significado de cessar uma cena ou sessão”, para manter sua segurança.

⁹ Termos utilizados para os momentos em que se é praticado o BDSM. São utilizados estes termos para enfatizar que o ocorrido é um “teatro”, distinguindo-se assim da “vida real” ou “baunilha”.

¹⁰ <http://submissoreal.blogspot.com.br/>

Vários rituais são observados nas relações entre o Dominador e o submisso que erotizam e criam paródias das relações de poder, rituais estes chamados de liturgia¹¹, como por exemplo, o escravo sempre se manter ajoelhado, sempre se dirigir ao Dominador como “Senhor” ou “Senhora”, ou seja, comportamento que reforcem ao máximo a hierarquia construída na relação. Algumas práticas dentro do BDSM erotizam atos que usualmente não são consensuais, como o *spank* e o estupro¹², ou seja, atos que cotidianamente são empregados como forma de violência, dentro do BDSM através das encenações. Apesar disso nos *blogs* observados, os autores enfatizam que são contra qualquer tipo de violência, assim como a pedofilia:

Enfatiza-se que seus praticantes são parte da normalidade, que são iguais a qualquer pessoa, que ele poderia ser praticado por qualquer um que tenha esse gosto. O único limite é a consensualidade. Este tipo de argumento busca demonstrar como o BDSM se diferencia de comportamentos e indivíduos criminosos ou socialmente marginalizados. Esse se liga ao amplo debate já citado sobre a natureza “real” do BDSM, os limites do consentimento e o papel das fantasias que não o envolvem. Estas fantasias não consentidas aparecem em diversos materiais eróticos, mas não são necessariamente consideradas “tabu”. A ambiguidade das práticas BDSM, que por vezes simulam atos não consentidos, está presente. Ou seja, reconhece-se que fantasias sobre práticas não consensuais fazem parte do imaginário erótico das pessoas que praticam o BDSM consensual. (ZILLI, p. 494, 2009)

Entre os praticantes, também há o hábito de utilizarem *nicknames* ou pseudônimos para se identificarem no meio:

É importante que os membros ou candidatos a tal, tenham um apelido. Isto é o que vai identificar a sua “persona S&M”⁵⁵, ao mesmo tempo em que resguarda a “verdadeira” identidade do sujeito. Mais do que proteger o nome socialmente reconhecido do adepto, o apelido procura passar uma idéia de suas tendências e posições dentro do BDSM. “Demon”, “Bode Louco”, “Dengosa” ou “Sapequinha” são alcunhas que já trazem embutidas em si, uma série de referências, ainda que implícitas ou subjetivas. Mesmo se a experiência real deixar a desejar em alguns casos, no campo das fantasias, ou seja, dentro do imaginário deste tipo de associação entre pessoas, é de se esperar comportamentos e experiências distintas entre o “Bode Louco” e a “Dengosa”. (LEITE JÚNIOR, p. 24, 2000)

¹¹ “Liturgia no BDSM são as formalidades sociais nos relacionamentos hierárquicos, o cerimonial que envolve as sessões e os encoleiramentos, tudo aquilo que cria uma atmosfera solene no ambiente sadomasoquista” (Fonte: <http://www.senhorverdugo.com/bdsm-e-sua-liturgia.html>)

¹² Visto em casos de “inversão de papel”, em que a Dominadora utiliza um pênis de borracha para penetrar um escravo. Em fotos e charges, esses escravos aparecem amarrados, vendados ou amordaçados, como se tivessem sido capturados e violentados.

Outro elemento que forma a identidade dos grupos BDSM é o fetichismo:

Um dos elementos formadores desta cultura e que a ajuda a se caracterizar enquanto tal é uma das consideradas perversões “de base” por Krafft-Ebing: o fetichismo. É ele quem vai delimitar grupos e moldar preferências. Objetos como chicotes, cordas, couro, são como que a “marca registrada” do S&M. Sua influência estende-se a todas as práticas e o faz confundir-se com a própria concepção deste universo. Para muitos, o fetichismo é o sadomasoquismo, embora com ressalvas: enquanto a primeira forma, em seu estado “puro” não requer uma inter-relação - pois trata-se normalmente de um objeto - na segunda o relacionamento é fundamental e indispensável. (LEITE JÚNIOR, p. 29, 2000)

A partir deste fetichismo, é que são criados os vários tipos de rituais, que demonstram a algo ou alguém total devoção, não no sentido religioso, mas no sentido de se entregar. As roupas se tornam erotizadas, assim, Dominadoras usam sapatos com saltos altos, roupas de couro, que demonstram o poder e a hierarquia, enquanto os escravos, apesar de utilizarem alguns acessórios como máscaras de látex e coleiras, ficam nus, para demonstrar sua submissão¹³. Assim, “enquanto os “baunilhas” se despem para o sexo, os adeptos do S&M vestem-se para fazê-lo.” (LEITE JÚNIOR, p. 33, 2000).

Em autores clássicos da psiquiatria e psicanálise como os citados anteriormente, é colocado que o papel de dominador seria o masculino e o submisso seria o feminino, mas o *FemDom* colocaria em cheque esta questão. Na grande maioria dos *blogs* observados, as mulheres exercem o papel de Dominadoras:

A mulher tem um papel fundamental neste contexto. Excetuando talvez os grupos de homossexuais masculinos, em muitos grupos organizados elas ocupam uma grande parte dos papéis sádicos⁸¹, o que é comumente conhecido como “*FemDom*”, o “dominação feminina”. Conhecidas como “*senhoras*”, “*rainhas*” ou “*dominatrix*”, colocam em cheque a visão clássica na qual o sadismo seria o exagero da agressividade natural masculina. Aqui o predomínio do “macho” não faz sentido. Embora afirme as diferenças entre o desejo masculino e o feminino, vários grupos de S&M não se interessam por questões de gênero, procurando até mais do que bissexualidade. (LEITE JÚNIOR, p. 36, 2000)

Uma das formas de legitimação dos grupos BDSM foi através da indústria cultural. É possível encontrar alas específicas de sadomasoquismo em *sex shops*, vídeos pornográficos e vestuário, como *piercings*, roupas de couro. Além disso, há as

¹³ Outro caso de erotização das roupas é a “feminização” ou “*crossdressing*”, em que o escravo é obrigado a se vestir com roupas de mulher, para demonstrar sua também sua submissão.

Dominadoras profissionais, que se prostituem e são pagas para realizem uma cena ou sessão:

Sex shops, terapias sexuais, fitas de vídeos “pornográficos”, sensuais apresentadoras de programas infantis, parecem agora apenas um elemento a mais no cenário cotidiano. Mesmo a área da propaganda rendeu-se aos apelos estéticos sadomasoquistas. Neste contexto, a prostituição em muitos lugares passa a ser discutida como uma opção de trabalho. Apesar de muitos grupos S&M diferenciarem esta do sadomasoquismo comercializado, ele torna-se mais um no leque do mercado sexual, garantindo-lhe uma aceitação e influência maior na sociedade através do fator já analisado acima e que muitas outras comunidades não possuem: uma estética. (LEITE JÚNIOR, p. 39, 2000)

Assim, os grupos sadomasoquistas, como uma cultura, buscam formas de legitimação perante a sociedade, fugindo do caráter de “imoralidade” e “patológico” que foi trazida por médicos, psiquiatras e psicanalistas, evidenciando em seus “manuais” que para se praticar o BDSM, é necessário conhecimento acerca da prática e que seja sempre consensual e segura, além de *blogs* enfatizarem que são contra a violência.

Estes conceitos e conhecimentos são básicos para o estabelecimento de normas, condutas e liturgias dentro do meio. No próximo capítulo, serão analisados os dados da pesquisa, de como as mídias digitais auxiliam no contato e no compartilhamento de informações entre os praticantes de Campo Grande/MS, do papel da confiança e como ela é aplicada neste contexto e como o prazer é visto a partir dos praticantes da cidade.

3. HORA DE APANHAR: MÍDIAS DIGITAIS, CONFIANÇA E PRAZER NO BDSM EM CAMPO GRANDE/MS

3.1. MÍDIAS DIGITAIS UTILIZADAS PARA RELAÇÕES BDSM

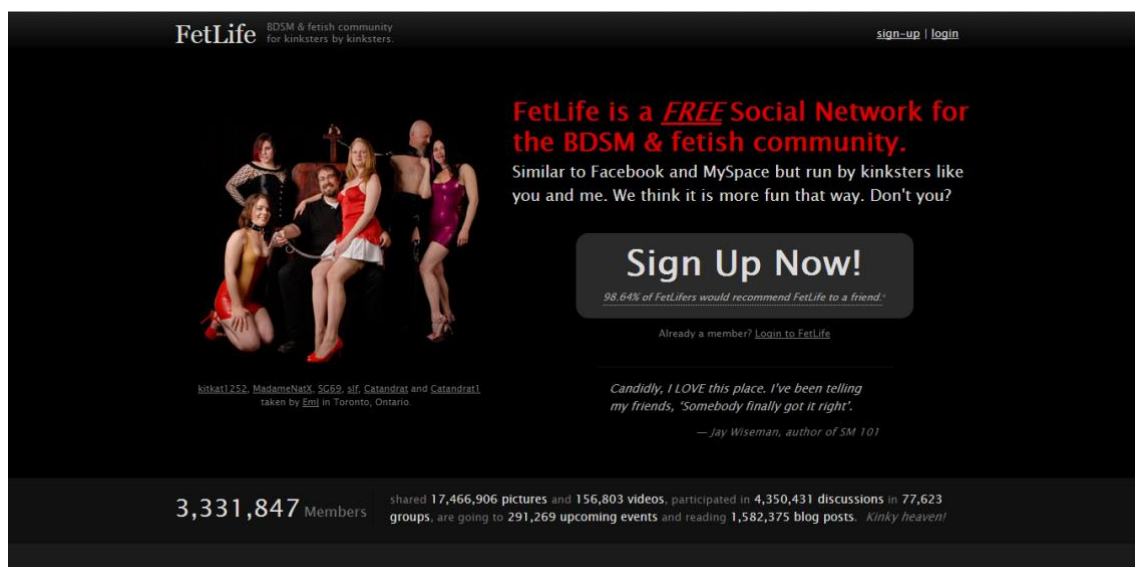
A primeira categoria a ser discutida nessa pesquisa são as mídias sociais. Um fato observado em Campo Grande/MS foi a ausência de boates e festas direcionadas à temática BDSM ou fetichista, impossibilitando uma pesquisa de campo. Assim, com a ausência

destes locais, as mídias digitais assumem uma importância maior ainda para que os praticantes se comuniquem e troquem informações.

O *Facebook* é atualmente um dos *sites* de relacionamento mais populares do mundo, atingindo em 2012 um bilhão de usuários¹⁴. O *Fetlife*, segundo o próprio *site*, possui quase de 3,4 milhões de usuários por todo o mundo.

The image shows the Facebook homepage from around 2012. At the top is a blue navigation bar with the Facebook logo on the left and login fields on the right. The login fields include 'E-mail ou telefone' and 'Senha' (password), with a 'Entrar' (Log In) button. Below the login fields are links for 'Manter-me conectado' (Keep me logged in) and 'Não consegue se conectar?' (Can't log in?). The main content area has a light blue background. On the left, there's a message: 'No Facebook você pode se conectar e compartilhar o que quiser com quem é importante em sua vida.' (On Facebook you can connect and share whatever you want with who is important in your life.) Below this is a graphic of a globe with several orange person icons connected by lines, representing a social network. On the right, there's a section titled 'Abra uma conta' (Create an account) with the subtext 'É gratuito e sempre será.' (It's free and always will be.). Below this are input fields for 'Nome' (Name) and 'Sobrenome' (Surname), 'E-mail ou número do celular' (Email or mobile number), 'Insira novamente o e-mail ou o celular' (Re-enter email or mobile number), and 'Nova senha' (New password). There's also a 'Data de nascimento' (Date of birth) section with dropdown menus for 'Dia' (Day), 'Mês' (Month), and 'Ano' (Year), and a note 'Por que preciso informar minha data de nascimento?' (Why do I need to provide my date of birth?). Below the date fields are radio buttons for 'Feminino' (Female) and 'Masculino' (Male). At the bottom of the sign-up section is a green button labeled 'Abrir uma conta' (Create an account). Below the button is a link: 'Criar uma página para uma celebridade, banda ou empresa.' (Create a page for a celebrity, band or company.).

01. Interface do Facebook

The image shows the FetLife website interface. At the top left is the 'FetLife' logo with the tagline 'BDSM & fetish community for kinksters by kinksters.' At the top right are links for 'sign-up' and 'login'. The main content area has a dark background. On the left, there's a photo of a group of people in BDSM attire. Below the photo is a caption: 'kisha1252, MadameNaX, SC69, slf, Catandrat and Catandrat1 taken by Emi in Toronto, Ontario.' On the right, there's a large red text block that says 'FetLife is a **FREE** Social Network for the BDSM & fetish community.' Below this is a smaller text block: 'Similar to Facebook and MySpace but run by kinksters like you and me. We think it is more fun that way. Don't you?'. Below the text is a large white button with the text 'Sign Up Now!'. Below the button is a quote: '98.64% of FetLifers would recommend FetLife to a friend.' Below the quote is a link: 'Already a member? Login to FetLife'. At the bottom, there's a statistics section with the text: '3,331,847 Members', 'shared 17,466,906 pictures and 156,803 videos, participated in 4,350,431 discussions in 77,623 groups, are going to 291,269 upcoming events and reading 1,582,375 blog posts. Kinky heaven!'. Below the statistics is a quote: 'Candidly, I LOVE this place. I've been telling my friends, "Somebody finally got it right". — Jay Wiseman, author of SM 101'.

02. Interface do Fetlife

Segundo Miskolci (2009), as mídias digitais se tornam um meio para se buscar relacionamentos:

¹⁴ <http://www.ebc.com.br/tecnologia/2012/10/facebook-chega-a-1-bilhao-de-usuarios-no-mundo>

As mídias digitais trouxeram algumas novidades na esfera amorosa como a possibilidade de visualizar, pela primeira vez, o universo de parceiros em potencial, ampliá-los numericamente e, sobretudo, essas mídias também acenam – por meio dos mecanismos de busca – com a possibilidade de escolher como nunca antes. Em uma era obcecada com a corporalidade, basta observar um destes sites e ler alguns perfis para constatar a centralidade do corpo nas interações. A começar pelas descrições literalmente numéricas e precisas apresentadas, passando pelas fotos e o uso da câmera ou ainda pelos formulários dos mecanismos de busca que permitem escolher quase tudo do possível parceiro: idade, altura, peso, cor de pele, cabelos, olhos, grau de pilosidade e, nos sites para um público apenas masculino, até tamanho do órgão genital. (MISKOLCI, p. 5, 2012)

Logo, além da importância citada do contato do pesquisador com os interlocutores, as mídias digitais auxiliam as relações entre os sujeitos, neste caso, entre os praticantes de BDSM.

Perguntado sobre que formas utilizam para conhecer outros praticantes, D1, em entrevista via *Facebook*, responde:

D1: “Como ando ocupado e não consigo ir a São Paulo sempre, onde ocorrem os eventos, somente a *internet*”.

Assim, o entrevistado evidencia a falta de festas em Campo Grande/MS, que São Paulo é a melhor cidade para ir a festas BDSM. A falta de festas também aparece na fala de outros interlocutores:

sub1: “Acredito que aqui também não tenha esse tipo de festa, nada assim, eu teria que ir para São Paulo. Só que ir para São Paulo não dá porque sou casada”.

sub2: “Aqui em Campo Grande não [...]Eu acho que aqui faltam locais ou festas com esse tema. O ano passado, foi ano passado ou foi no outro ano? Não lembro... A Non Stop, aquela boate GLS que tem aqui de vez em quando faz umas festas que se diz temática, coloca lá “Noite BDSM”, “Noite Sadomasoquista”, “Noite Fetichista”, alguma coisa assim, eu fui em duas já, a única pessoa que estava minimamente trajada de alguma coisa nesse sentido era eu. E daí na hora do show dos Gogo Boys, os Gogo Boys sim, com umas roupas de couro e tal, essas coisas assim, mas não tem assim [...]Eu fui assim, sabe aqueles arreios, traje tudo de couro, umas tiras

de couro. Fui com uma calça jeans, aquilo lá e pra dar um né, não sair na rua assim, eu coloquei uma camisa por cima, um colete jeans por cima fechado. Entrei na boate eu tirei. Eu era a única pessoa assim. O resto todo mundo, sei lá, vestido normal e tal. Aí eu falei “ué, mas não era pra ser uma festa...”. Então, eu acho que falta isso, faltam locais, que eu acredito que tenha, na sua pesquisa de certo você vai encontrar, acredito que tenha gente que goste, que curta ou que tem interesse, ou ao menos curiosidade no assunto. Mas as pessoas tem muito medo de se expor, eu acho.

sub3: “Eu acho que aqui não tem nada, não participo, sou mais reservado eu acho. Mas acho que não tem festa desse tipo aqui, não que eu fiquei sabendo.”

D3: “Por enquanto não tem né estão querendo criar, mas tenho vontade de participar, nunca participei por enquanto”.

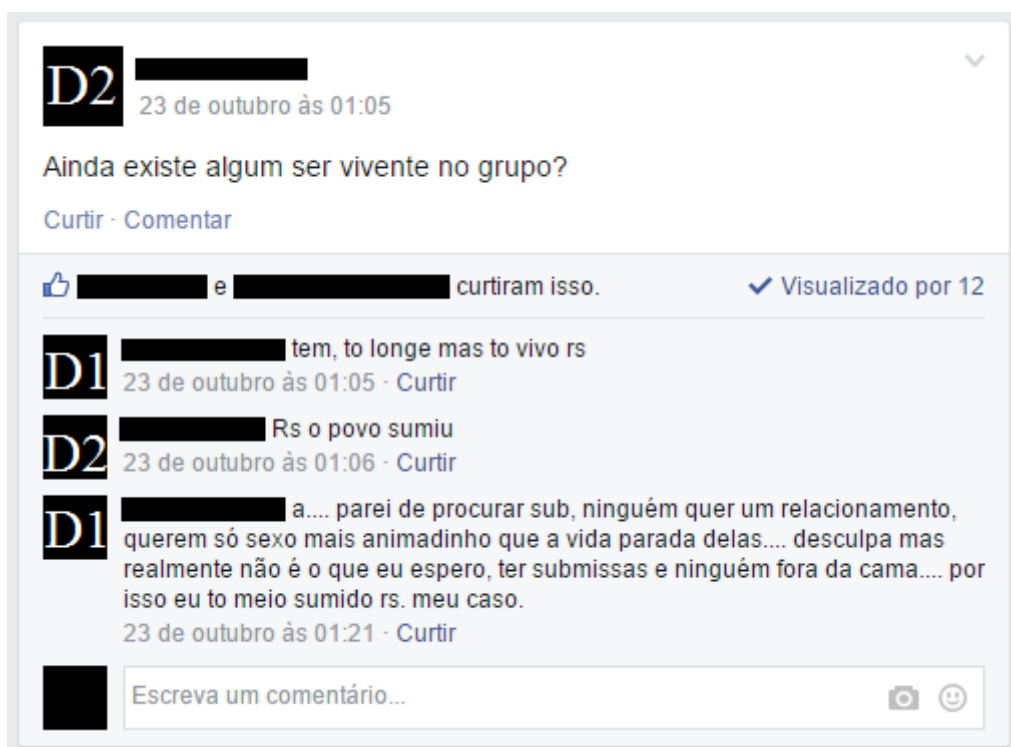
No discurso da D2, é mostrado como o meio BDSM em Campo Grande/MS é pequeno:

D2: “Já participei [de festas], mas não aqui no estado. Aqui o meio ainda está engatinhando”.

É evidente no discurso dos entrevistados, como a falta de festas e locais para se vivenciar o BDSM dificulta a interação entre os praticantes da cidade, assim, esta interação se limita à *internet*.

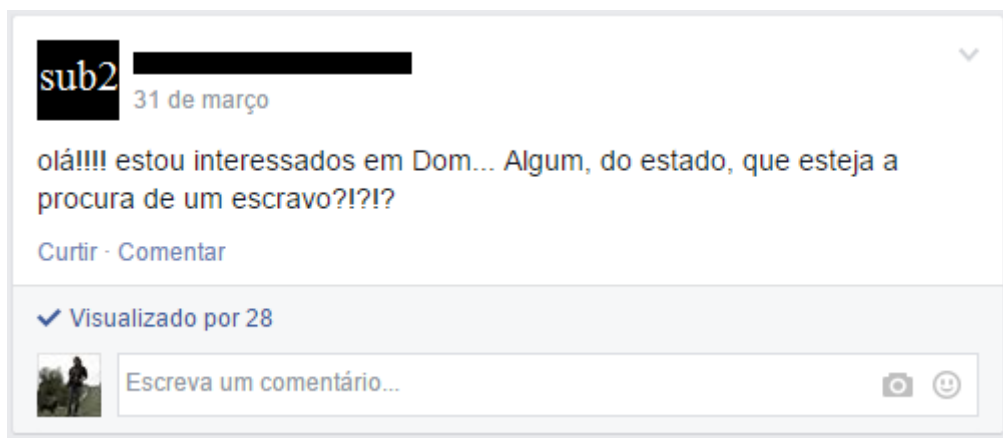
A pouca interação entre os praticantes da cidade pode ser evidenciado nas postagens do grupo do *Facebook* “BDSM Mato Grosso do Sul”, que em a última postagem foi do dia 26/10/2014, a penúltima de 23/10/2014 e a antepenúltima foi de 21/06/2014.

Na postagem do dia 23/10/2014 pode ser visto esta pouca interação. As tarjas pretas foram utilizadas para não mostrar a foto e nome original, mas por serem interlocutores, foram identificados de acordo com a metodologia da pesquisa:



03. Postagem no grupo do Facebook “BDSM Mato Grosso do Sul”..

Há uma grande quantidade de postagens deste grupo, são de escravas(os) procurando por Dominadoras(es) ou o inverso, como pode ser observado nesta postagem:



04. Postagem no grupo do Facebook “BDSM Mato Grosso do Sul”.

Além das postagens, é encontrado no discurso dos entrevistados o uso da *internet* para conhecer outros praticantes:

D2: “Além das redes sociais, nos quais existem os grupos específicos de BDSM e seus subgrupos... Há também uma rede chamada *Fetlife* que é uma espécie de *Facebook* do meio BDSM”.

sub1: “Só a *internet*, só esses dois sites mesmo [*Fetlife* e Portal Senhor Verdugo]. Esses dois sites e o *Whatsapp* que eu tenho duas pessoas... Duas pessoas porque eu não coloquei mais ninguém, não converso muito.”

sub2: “*Internet*. Tem alguns sites de relacionamentos, como aquele... *Fetlife*, isso. Esse daí, fiz um cadastro lá, e lá eu conheci, por meio desse site, eu conheci uma menina só que só nos conhecemos, assim, conversamos, acabou não acontecendo nada. Aquele perfil *fake*¹⁵ do Face, ali eu conheci já algumas pessoas.”

D3: “Via *internet*. *Internet*, fóruns, *chats*”.

Torna-se evidente o papel importante das mídias sociais para o relacionamento dos interlocutores.

No grupo “BDSM – Campo Grande – MS” há uma frequência maior de postagens, mas ainda com datas bem espaçadas, sendo as últimas postagens de 14/11/2014, 01/11/2014, 25/10/2014 e 23/10/2014, mas as postagens de novembro foram feitas pelo mesmo membro do grupo, observando-se uma participação de poucas pessoas.

Em quantidade de membros, o grupo “BDSM Mato Grosso do Sul” possui 34, e o grupo “BDSM – Campo Grande – MS”, 37. Importante ressaltar que os dois são fechados, ou seja, apenas os membros podem visualizar as postagens e para participar, é necessário que o administrador, quem criou o grupo, aceite o pedido da pessoa. Em ambos, a administradora é a interlocutora D2.

Diferentemente do grupo citado anteriormente, a maioria das postagens do grupo de “BDSM – Campo Grande – MS” são imagens relacionadas ao BDSM, como exemplo:

¹⁵ Perfil falso, em que a pessoa não mostra sua verdadeira identidade.



05. Postagem no grupo do Facebook “BDSM – Campo Grande - MS”.

Estes grupos também são utilizados para compartilhar informações sobre BDSM, em que alguns membros compartilham *blogs* e textos:

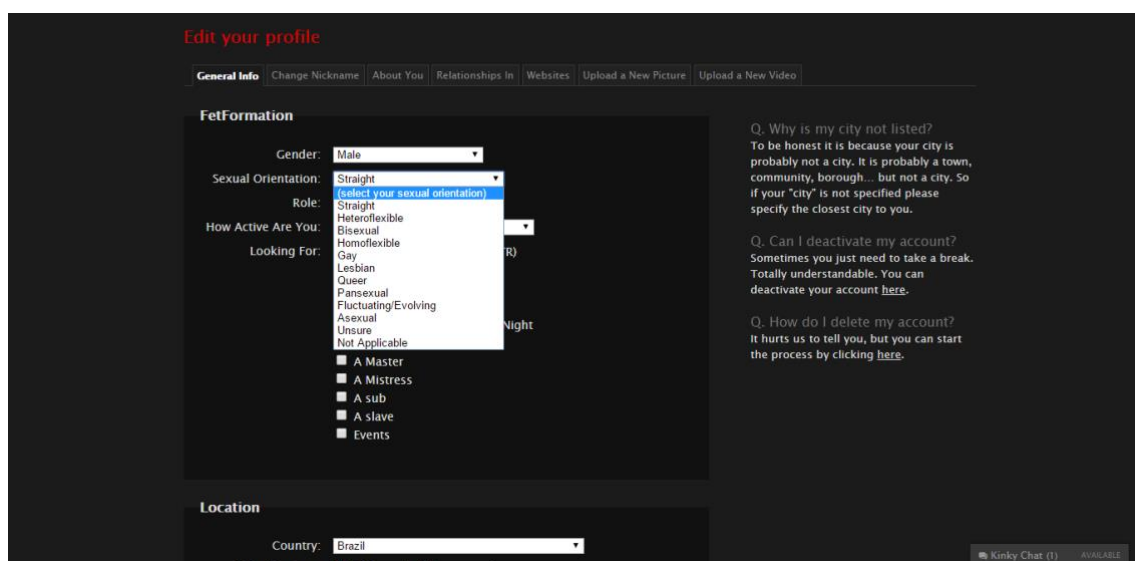
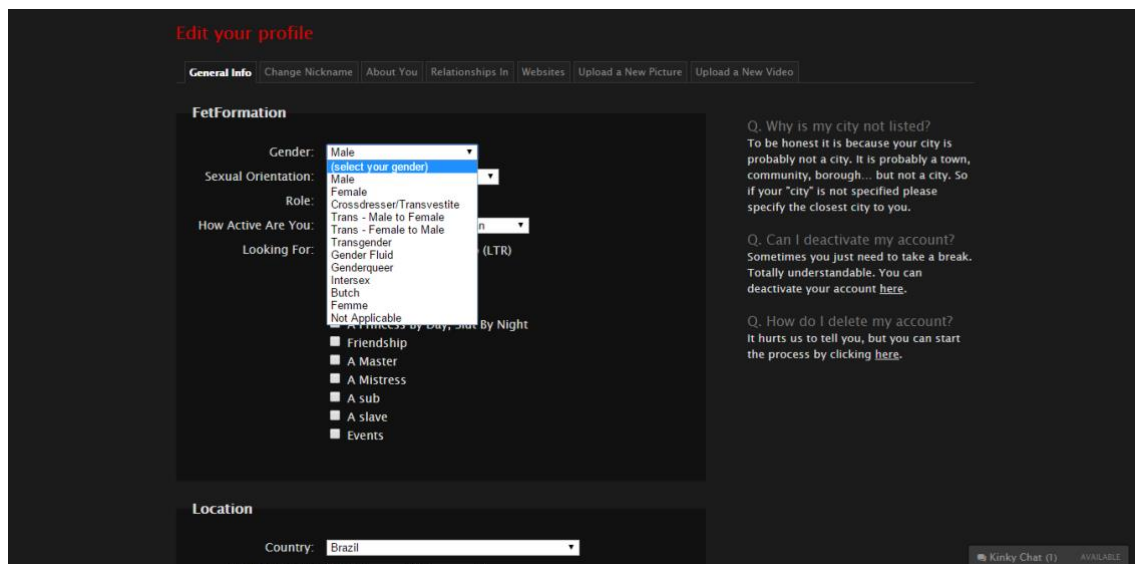


06. Postagem no grupo do Facebook “BDSM – Campo Grande - MS”.

Além de ser uma forma encontrada pelos praticantes para se relacionarem, as mídias digitais são a principal forma de se encontrar informações acerca do BDSM. O *Fetlife* possui espaços para escrever e postar textos, em que os usuários utilizam para compartilhar informações:



07. Postagem no Fetlife, sobre a história do BDSM no Brasil.



08 e 09. *Diferentemente de redes sociais baunilhas, o Fetlife oferece uma gama de opções de gênero e orientação sexual para o usuário escolher, inclusive uma opção para quem não se aplica a nenhuma destas.*

Em Zilli (2009) é mostrado o importante papel da *internet* para o compartilhamento de informações:

O tipo de discurso que busca legitimar o BDSM pode ser encontrado na *internet* em espaços dedicados a esta prática. É através da possibilidade que seus praticantes têm de manter contato na rede que se veicula o discurso de legitimação, descriminalização e despatologização destas práticas. Por ser um meio que se caracteriza pela facilidade de comunicação, pela promessa de anonimato e pela possibilidade de contatar indivíduos que partilham interesses em comum, a *internet* tornou-se ideal para a formação de grupos identitários que criam diversos tipos de comunidades virtuais. Além disso, os discursos sobre BDSM encontram-se num contexto de suporte à própria ideia de um grupo identitário, pois reproduzem a noção de pertencimento através da informação de técnicas, conceitos e definições. (ZILLI, p. 483-484, 2009)

Assim como nos estudos de Zilli (2009), isto é possível observar nas entrevistas do D1, sub3, e da sub1.

Quando perguntado como descobriram o BDSM, alguns interlocutores colocam que foi através de páginas da *internet*. Quando perguntado para a sub1 a quanto tenha ela tinha descoberto o BDSM, esta trouxe informações que evidenciam o papel da *internet* para ela adquirir informações:

D1: “Em algumas transas com uma ex[-namorada] minha, ela sentia certa dor mas continuava fazendo por saber que me dava prazer, me descobri levemente sádico e comecei a ler sobre o assunto e me identifiquei como dominador apesar da pouca prática e falta de submissa, tive poucas sessões”.

sub1: “Final do ano passado que eu comecei a buscar informações né, na *internet* e conheci algumas pessoas. Mas aí, fazer perfil, criar perfil nas redes sociais eu comecei em janeiro que aí eu me cadastrei lá no Portal Senhor Verdugo, que eu gosto muito de lá, é muito bom, e agora tem dois meses só que eu me cadastrei no Fet. Mas aí de lá pra cá eu vim mais estudando, mas lendo mesmo sobre isso lá no site do Portal Senhor Verdugo.”

sub3: “Na *internet*, a muitos e muitos anos atrás.”

Dos interlocutores, quem não conheceu o BDSM através da *internet* inicialmente foi a D2, o sub2 e o D3.

D2: “Venho de uma família em que metade é praticante de BDSM, mas tive conhecimento através de um Dom, que tinha intenção que eu fosse sub dele, aos 17 anos conheci meu mentor e ele traçou meu perfil. Na verdade eu era Domme e não sub... Comecei a praticar aos 18 anos”.

sub2: “Ah, uns 15 anos talvez, ou mais. Assim, na verdade Gabriel, tudo que é meio *underground*, meio diferente, me atrai. E quando jovemzinho, eu tinha acesso a alguns relatos, contos, por meio de revista. Revistas de sacanagem, pornográfica. E o que mais me interessava, mais me excitava, eram histórias que tinham a ver com sadomasoquismo, mas assim, eu nem tinha noção do que era. Nomenclatura assim, eu não sabia nada. E com a facilidade de internet, que eu vim a descobrir mais mesmo, saber mais, o que é, que tem mais gente que gosta, que eu posso ser louco, mas não sou o único, essas coisas assim. E é uma coisa, faz tempo, que embora eu devagar fui percebendo que eu sou relativamente light em relação a algumas pessoas que eu já conheci e tudo mais, ou aquilo que a gente vê na internet, na boa, eu não acredito em metade do que eu vejo, leio e tal. Eu percebo que mesmo antes de saber o que era masoquismo, o que era sadismo, o que era BDSM, é uma coisa que me atrai.”

D3: “Descobrir assim, descobri a muito tempo né, desde de moleque... Primeiro contato foi através de pornografia, alguns livros sobre o assunto, o próprio Marques de Sade, mas me identificar e começar a descobrir mais a fundo assim o que é o BDSM, sem ser aquela visão estigmatizada, que todo mundo tem, foi mais desde que eu entrei na faculdade assim, desde 2009 mais ou menos. Comecei assim, a pesquisar e conhecer realmente a fundo o que é o BDSM.”

Apesar de terem descoberto de diferentes formas, a *internet* possui um papel importante para estes interlocutores acessarem e trocarem informações e ainda conhecerem outras pessoas.

Como mostrado em Zilli (2009), a *internet* traz a promessa do anonimato, em que os interlocutores podem postar e se expressar nos grupos sem se exporem, assim como é possível criar os perfis *fakes* para dificultar a identificação de que o interlocutor é praticante.

Posteriormente, no tópico sobre a discussão do prazer BDSM, será analisada a questão de como a *internet* auxilia os praticantes a trocarem informações e se conhecerem, mantendo-se anônimo ou invisível para a sociedade baunilha.

Mesmo com a *internet* facilitando o compartilhamento de saberes e encontrar pessoas com as mesmas práticas sexuais existe uma dificuldade na construção de uma confiança para que os interlocutores possam ir ao encontro face-a-face. Por ter se evidenciado muito presente no discurso dos interlocutores, esta será a categoria a ser tratada no próximo tópico.

3.2. A QUESTÃO DA CONFIANÇA

A questão da confiança foi escolhida por estar muito presente no discurso dos interlocutores. Eles reclamam que raramente encontram parceiros que querem praticar BDSM, disseram quando lhes foi perguntado quais as dificuldades que eles viam que existia para se vivenciar em Campo Grande/MS:

D2: “Espaço, interação... As pessoas preferem ficar no virtual e raramente partem para o real. Insegurança, tudo que é virtual gera desconfiança... Existem muitos *fakes*, pessoas com quaisquer outras intenções, menos de praticar o BDSM. As pessoas confundem o BDSM com sexo fácil, elas entram no meio focadas no sexo”.

Na fala da D2, ela mostra como a desconfiança e insegurança em se realizar os encontros face-a-face, restringindo-se ao virtual.

sub1: “A minha maior dificuldade é por causa do meu casamento mesmo e eu acho que uma segunda dificuldade é que mesmo se eu

não fosse casada seria que aqui em Campo Grande não tem ninguém né, assim, que pratica mesmo, que vive uma liturgia, que eu acho interessante sabe, eu não acho legal ir lá e sei lá, só levar uns tapas, não, eu acho que tem todo um charme da liturgia né, do respeito sabe, aqui em Campo Grande não tem [...] Eu acho que tem que ter muita confiança, se não tem confiança não tem como, ainda mais no meu caso que tenho minha vida baunilha do meu casamento, então se eu nem confiar numa pessoa que tenho uma cena. Tem vários assim, caras que falam de vem de fora e tal, pra gente fazer uma cena, só que eu não posso permitir sem confiar, porque eu não posso deixar que me amarre ou me venda e faça sei lá o que quiser comigo, ou me deixe toda marcada, e quando eu chegar em casa? Porque na hora ali no calor, a gente não sabe se a pessoa vai conseguir se controlar, sabe, a gente não conhece, então é muito sério, eu acho. Ainda mais aqui em Campo Grande que a gente não conhece as pessoas que praticam. Em São Paulo é muito mais fácil você conhecer as pessoas porque elas se reúnem né. Então você sabe, conhece alguém que conhece esse alguém, e tem outras experiências, sabe da vida daquela pessoa, o que ela faz, o que ela não fez com outros submissos. Pra mim isso é mais complicado, porque pra eu confiar é muito mais difícil, isso dificulta.”

Nesta fala da sub1, ela evidencia a dificuldade em manter as relações devido ao seu casamento baunilha. Assim, para que possa praticar, precisa confiar no Dominador para que não apareçam marcas no seu corpo que comprometam seu relacionamento.

sub2: “Mas conheci assim, o que eu percebo Gabriel, é que muita gente não tem coragem de vir pro mundo real, tem isso né. Sei lá, de repente o pessoal fica conversando, se masturbando, não sei, sinceramente eu não sei. Sei que muita gente que eu sugiro “ó, vamos sair, vamos encontrar, tomar um café, conhecer” né, sair da virtualidade, aí o povo some, não quer. Não sei, acho que é medo mesmo, medo de se expor, talvez. [...] Não [tive muitas sessões], pela dificuldade de encontrar pessoas que curtam aqui em Campo

Grande, que curtam e que eu sinta confiança, que eu me sinta a vontade.”

O foco do discurso do sub2 é o desinteresse de outras pessoas em sair do mundo virtual, que mesmo ele propondo um encontro face-a-face, outros praticantes não se sentem seguros para sair do virtual.

Um autor que trata da questão dos ambientes de confiança nas relações entre os indivíduos da sociedade moderna é Giddens (1991), em seu texto “As consequências da modernidade”, discute as descontinuidades espaço-tempo como meios de aproximação e distanciamento, sobretudo em razão das tecnologias:

A confiança está relacionada à ausência no tempo e no espaço. Não haveria necessidade de se confiar em alguém cujas atividades fossem continuamente visíveis e cujos processos de pensamento fossem transparentes, ou de se confiar em algum sistema cujos procedimentos fossem inteiramente conhecidos e compreendidos. [...] A confiança está basicamente vinculada, não ao risco, mas à contingência. A confiança sempre leva à conotação de credibilidade em face de resultados contingentes, digam estes respeito a ações de indivíduos ou à operação de sistemas. [...] A confiança não é o mesmo que fé na credibilidade de uma pessoa ou sistema; ela é o que deriva desta fé. [...] A confiança pode ser definida como crença na credibilidade de uma pessoa ou sistema, tendo em vista um dado conjunto de resultados ou eventos, em que essa crença expressa uma fé na probidade ou amor de um outro, ou na correção de princípios abstratos (conhecimento técnico). [...] Em condições de modernidade, a confiança existe no contexto de: (a) a consciência geral de que a atividade humana — incluindo nesta expressão o impacto da tecnologia sobre o mundo material — é criada socialmente, e não dada pela natureza das coisas ou por influência divina; (b) o escopo transformativo amplamente aumentado da ação humana, levado a cabo pelo caráter dinâmico das instituições sociais modernas. (GIDDENS, p. 35-36, 1991)

Giddens (1991) trata da criação de ambientes de confiança. Enquanto na sociedade pré-moderna, as relações eram formadas por mediações familiares e comunitárias, gerando assim um ambiente de confiança, na modernidade, com o advento da *internet* e as mediações *online*, torna-se complicado a criação de um ambiente de confiança. Devido também ao contexto dinâmico e de rompimento do tempo e espaço da sociedade moderna, a confiança se torna facilmente abalada. Ela se torna tão frágil que “uma falta de confiança elementar na possível intenção dos outros leva o indivíduo a evitar cruzar olhares, o que poderia precipitar um envolvimento potencialmente hostil” (GIDDENS, p. 75, 1991).

Como visto no tópico anterior, os relacionamentos via rede social necessitam de questões de confiança, Giddens (1991) coloca como estas mídias romperam o tempo e o espaço e alteraram os relacionamentos de confiança na modernidade:

O impacto globalizante da mídia foi notado por numerosos autores durante o período do início do crescimento dos jornais de circulação de massa. Assim, um comentador em 1892 escreveu que, como resultado dos jornais modernos, o habitante de uma pequena aldeia tinha uma compreensão mais ampla dos eventos contemporâneos do que o primeiro-ministro de cem anos antes. O aldeão que lê um jornal "se interessa simultaneamente pela questão de uma revolução no Chile, uma guerrilha na África Oriental, um massacre no norte da China, e a fome na Rússia". (GIDDENS, p. 71-72, 1991).

Com as mídias eletrônicas foram acentuados os aspectos de deslocamento, pois estas estão em um curto espaço de tempo, se comunicando instantaneamente, mas em uma grande distância espacial, criando um abalo no ambiente de confiança.

Miskolci (2012) em seus estudos acerca de mídias digitais discute também a questão da confiança:

Partindo do contato digital, conhecer alguém gera inseguranças típicas de nossa era como o medo de que uma mesma pessoa tenha duas ou mais "personalidades". Temor com razões concretas, já que temos a experiência comum de criar perfis distintos e segmentados, por exemplo, um profissional para o site de nosso empregador, outro familiar em uma rede social ou, ainda, um para lidar com um de nossos hobbies. Qual deles é verdadeiro e qual é falso? Somos uma junção deles ou alguém não identificável quando os justapomos, somamos ou comparamos? (MISKOLCI, p. 9, 2012)

O contato através das mídias digitais não garante que aquele perfil traga informações verdadeiras sobre outra pessoa, estando assim suscetíveis até a violência física.

Outro ponto é em relação à vida pessoal dos praticantes. Apesar de adeptos ao BDSM, possuem também uma vida baunilha, ou seja, que não podem explicitar seus papéis de dominação ou submissão, e precisam se dedicar a um emprego, à família, casamento, entre outros. Por o BDSM ser considerada uma sexualidade dissidente, muitos destes praticantes têm que manter em segredo suas formas de sentir prazer.

Tanto que com exceção do D1, todos os outros adeptos não expõem abertamente que praticam BDSM. Quando foram lhes perguntados sobre quem sabia que eles praticavam, as respostas foram as seguintes:

D2: “Sim, amigos mais próximos. Alguns mais íntimos”.

sub1: “Tem. Tem minha mãe, minha irmã. Não assim, não sabem que eu saio com alguém, mas sabem que eu me interesso pela área, que eu gosto e que eu sou submissa nesse universo. Já falei pra elas que nesse universo meu papel é de submissão, de escrava, então isso elas sabem.”

sub2: “Olha, tem uma amiga, muito amiga, que ela sabe que eu tenho minhas fantasias diferentes, mas eu nunca cheguei e contei exatamente o que é. Essa amiga, outro dia, faz uns dias já, comentou comigo “ah, todo mundo falou, eu fui ler aquele livro 50 Tons de Cinza¹⁶, eu achei meio, não sei, meio estranho e tal”, eu falei “ah, é uma coisa que eu meio que pratico, talvez não exatamente como esteja lá, mas é uma coisa que né”, aí ela “ah, não sei se eu gostei não”. Então por aí eu percebi que, sei lá, eu gosto dela, ela não tem isso de julgar nada e tal, mas não é ninguém que eu possa ficar contando historinha. Mesmo porque são poucas histórias que acontecem.”

sub3: “Tem, alguns amigos sabem. Mais íntimos. [Mas] Eu não tenho problemas em falar, se perguntar. Nunca tive pudores.”

D3: “Tem algumas. Mais íntimas, que são do meio ou que já tem uma noção sobre o que é o BDSM”.

Estas cinco falas evidenciam como o ambiente familiar e comunitário, nos conceitos de Giddens (1991), produzem ambientes de confiança. Nestes discursos, são pessoas próximas que os interlocutores se sentem seguros para contar de sua sexualidade. No caso do sub2, nem para uma amiga próxima ele sente confiança para contar sua vivência no BDSM, contando apenas que gosta de algumas práticas sexuais consideradas estranhas.

¹⁶ O livro trata do romance de duas personagens, Anastasia Steele e Christian Grey, em que neste relacionamento há várias práticas que fazem menção ao universo sadomasoquista. Apesar disso, muitos praticantes não consideram o livro como BDSM.

O principal receio dos praticantes é que eles tenham sua vida íntima escancarada de modo que possa prejudicar sua vida pública. Como no caso da sub1, ela possui um casamento baunilha, assim, ela não pode deixar ser amarrada e vendada, por exemplo, por uma pessoa que ela não confie. Segundo ela, a confiança é crucial para que o BDSM possa ser praticado, pois não se sente segura em praticar com alguém que não lhe ofereça este ambiente.

Além disso, segundo o sub3, muitas pessoas dizem que praticam BDSM, mas não conhecem sobre, há uma falta de informação:

sub3: Eu acho que aqui tem muita gente que confunde BDSM com uma coisa mais *hardcore*, não é a mesma coisa. Tipo, muita gente acha que é uma coisa, mas é totalmente diferente, acha que só porque dá uns esporros já é, e não é isso. Acho que esse é o maior problema daqui, pouca gente realmente sabe o que é o BDSM. Acho que a falta de informação do povo [...] Tem muita falta de informação por aqui.

Retornando a Giddens (1991), como a modernidade globalizou as relações, estas necessitaram novos meios para se construir a confiança:

Relações de confiança são básicas para o distanciamento tempo-espaco dilatado em associação com a modernidade. [...] A confiança em pessoas envolve compromissos com rosto, nos quais são solicitados indicadores da integridade de outros (no interior de arenas de ação dadas). (GIDDENS, p. 80, 1991)

Assim, para que as relações possam sair da *internet* e se tornar face-a-face, ambas as pessoas precisam provar o porquê são confiáveis. No caso de Campo Grande/MS, se observa a dificuldade dos praticantes construírem relações de confiança entre eles para se encontrarem, por temerem muito sua exposição.

É observado nas falas dos interlocutores a pouca ou nenhuma frequência com que realizam sessões:

D1: “Não [tive sessões em Campo Grande/MS], apenas fora”.

D2: “Sessões avulsas apenas. Umas quatro ou cinco vezes”.

sub1: “eu tive minha primeira sessão semana passada¹⁷”.

sub2: “É uma tara, uma prática, mas não é a única, tanto que eu me relaciono 99% das vezes com rapazes e tal sem nada de BDSM”

sub3: “Eu tenho alguns amigos que praticam, que de vez em quando a gente está sem fazer nada e brinca, mas assim, fixo mesmo não. De cabeça vem umas cinco, seis pessoas, que de fato praticam mesmo. Tem muita gente que fala que pratica, mas é igual o que eu te disse, é falta de informação e confusão. Agora, que sabem mesmo, são umas cinco, seis pessoas, que eu conheço, mas deve ter mais alguns.

D3: “Não, nunca tive parceiras, o que eu sei é conhecimento teórico mesmo”.

Favorece a análise a contextualização do conceito de “armário”, conceito este que aparece inicialmente em estudos da teórica *Queer* Eve Sedgwick (2007):

Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas [...] Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante. No nível mais básico, tampouco é inexplicável que alguém que queira um emprego, a guarda dos filhos ou direitos de visita, proteção contra violência, contra “terapia”, contra estereótipos distorcidos, contra o escrutínio insultuoso, contra a interpretação forçada de seu produto corporal, possa escolher deliberadamente entre ficar ou voltar para o armário em algum ou em todos os segmentos de sua vida. O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora. (SEDGWICK, p. 22, 2007).

Este conceito é amplamente utilizado no meio homossexual para se referir à pessoa que oculta sua orientação sexual para se proteger da violência da sociedade heteronormativa. Apesar disso, a própria autora coloca que “O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays” (SEDGWICK, 2007).

¹⁷ Teve a primeira sessão uma semana antes da entrevista.

Logo, os praticantes devem reduzir o BDSM à sua intimidade, mas manter uma vida pública baunilha. Segundo Miskolci (2012):

A despeito do uso indiscriminado do termo, o armário é um regime de visibilidade circunscrito historicamente e que, de forma geral, se insere em uma época marcada por maior rigidez na manutenção de relações amorosas. Não é mero acaso que o segredo constitutivo do armário suscite paralelos com outras formas de relações ilícitas, mesmo heterossexuais, pois ambos têm em comum a lógica de manter em segredo e na esfera privada as relações que não atendem às expectativas coletivas (MISKOLCI, p.11, 2012).

Ou seja, mesmo que no BDSM possa haver práticas heterossexuais, por ser considerada uma sexualidade dissidente, anormal, está suscetível a sofrer coerção da sociedade heteronormativa.

Esta discussão é trazida no próximo capítulo, em que será estudado o prazer do BDSM para os praticantes de Campo Grande/MS.

3.3. CHIBATA DO CERRADO: DISCURSOS E CONTRA-DISCURSOS NO BDSM

A última categoria a ser discutida nesta pesquisa é a questão do prazer estudado através dos discursos dos praticantes de BDSM de Campo Grande/MS. Como evidenciado na revisão de literatura, no capítulo 02, o BDSM é considerado pela *scientia sexualis* (FOUCAULT, 1989) como uma prática sexual dissidente, em que seus adeptos são considerados anormais, doentes e devem ser tratados.

Em Foucault (1987), é trazida a discussão da produção de uma disciplina sobre os corpos para que estes se tornem dóceis para o trabalho. Assim, o prazer torna-se controlado e o sexo voltado somente para a procriação. As ciências médicas como a Psiquiatria, Psicanálise e Medicina colocam como anormal e doentia qualquer prática que não seja útil para a procriação.

Nos discursos científicos da Psiquiatria, Psicanálise e Medicina o BDSM é considerado como uma prática doentia e anormal. Desde Krafft-Ebing (1889) à França (1975) e nos manuais de doenças como o DSM-IV, persiste esta ideia. Este discurso é reproduzido inclusive na fala de um dos interlocutores sobre sua forma de sentir prazer, não como conhecimento científico, mas como uma moral:

sub3: “Provavelmente algum problema psicológico que eu tenho, porque eu fui filho único por muito tempo, eu fui muito dengado. Então assim, talvez ser submisso, meio que me impõe limite, porque eu nunca tive isso. Então provavelmente é isso, o prazer de alguém me impor limite, porque meus pais nunca colocaram limite em nada”

Apesar disso, a fala dos interlocutores aparece como um contra-discurso. Quando perguntado aos interlocutores sobre como eles viam o prazer ao se praticar o BDSM, estas foram as respostas obtidas:

D1: “Sinto prazer em ter alguém sob meu comando, obediente, com o objetivo de me agradar. [...] É um prazer diferente do sexual, vai bem além, principalmente em ver o prazer dela em me servir”.

D2: “Sou sádica, na verdade é um prazer mais psicológico que sexual... A dor do sub me causa sensações de prazer muito fortes”.

sub1: “Acho que submissão mesmo, o fato de ver a pessoa gostar de ser servida, a humilhação eu acho. Não bem humilhação, porque você sabe, humilhação é relativo, mas o que me dá prazer é mais isso, ser feito o que a pessoa quiser, permitir, fazer o que ele quer e com isso ver o prazer dele. O fazer o que ele quiser pelo seu prazer e isso já me dá prazer.”

sub2: “Então, um pouco aquilo que eu tinha comentado antes, tudo que é meio *underground* assim me atrai. Agora, dessas práticas assim, falar o que eu curto mesmo assim, tenho uma certa tara por pés, chuva dourada... Ah, tudo que é meio nojentinho assim eu gosto sabe, e a coisa da humilhação, tipo “ah, fica quieto aí no teu canto, você está aqui pra ser usa só, pronto e acabou”, isso eu acho legal. Mas é que ah, Gabriel, é uma tara, uma prática, mas não é a única, tanto que eu me relaciono 99% das vezes com rapazes e tal sem nada de BDSM. Já essa Menina que eu saí com Ela, essa Domme, Ela não, só vale se for com BDSM, se não Ela nem sai com a pessoa.”

Assim, no discurso dos próprios indivíduos não está presente a ideia de que o prazer no BDSM seja algo doente, mas reconhecem como diferentes e que não podem

expor. Em Zilli (2009), é observada a busca pelos praticantes por uma legitimação, a fim de superar a ideia de que o BDSM é uma patologia:

Entende-se que grande parte do preconceito e marginalização contra as práticas associadas ao BDSM têm base em análises tendenciosas ou são provenientes de estudos enviesados, que abordam apenas o lado patológico ou, antes, os indivíduos patológicos ligados ao BDSM. Esse tradicional estigma da perversão sexual é, no fim das contas, o que o discurso de legitimação do BDSM tenta combater. (ZILLI, p. 500-501, 2009)

Nos discursos de D1, D2 e sub1 são mostrados como o prazer se baseia na Dominação e na submissão, em ser servido ou servir. Na fala do sub2, ele cita alguns gostos para se referir o desejo dele por práticas dissidentes, nojentas.

Apesar disso, o sub2 mostra em sua fala que não busca prazer apenas no BDSM, pela dificuldade de se conseguir as sessões, acaba então recorrendo ao sexo baunilha para buscar o prazer.

Foram perguntados também para os interlocutores quais são suas práticas preferidas:

D1: “Práticas que já fiz *assplay*, anal, imobilização, privação dos sentidos, *spank* leve. Tenho vontade: treinamento de obediência, *spank* moderado, enema, estupro consentido. E algumas práticas com choque”.

D2: “Dominação Psicológica, *bondage*, *spank*, *ballbusting*, CBT, *waxplay*, inversão de papéis, *petplay*, privação de sentidos, negação de orgasmo... Sou um pouco sádica”.

sub1: “Eu gosto do *shibari* né, shibarista que fala, que são as cordas, que eu gosto muito, acho muito legal. *Spank* super de leve, não sou masoquista, e eu tive minha primeira sessão semana passada, aí, na hora que eu levei a cintada eu queria chorar e bater nele, aí eu queria, falei “gente, que ódio”, aí então eu falei “olha, eu já descobri na terceira cintada que eu não sou masoquista”, porque eu fiquei com vontade chorar, meu olho encheu de lágrimas, eu implorei, falei “não, por favor, para”, é, então acho que eu não sou masoquista. Eu acho sei lá, de repente, talvez com o tempo né, os outros Doms que conheci são mais antigos, eles falam “com o tempo você acostuma”.

Estou fugindo de sádico... Sádico eu fujo, vem falar comigo eu nem... Dou atenção, mas eu fujo. Velas eu amo. *Bondage*, que são as amarrações. Assim, a princípio eu conheço o que, submissos iniciados não têm muito que limitar sabe, porque ainda mais iniciante como eu, eu tenho que primeiro provar pra depois saber o que eu quero o que eu não quero, aí não vou limitar o que não gosto e o que eu gosto. Então eu não sou como outros que falam “ah, eu quero isso, isso e isso”, “eu gosto disso, disso e disso”.

sub2: “Eu gosto do lance da humilhação mesmo. Dor eu não curto muito, a coisa do *spank*, coisa e tal, eu não curto muito não. Mas assim, essa vez que eu saí com essa Domme, nossa, Ela se divertia era no *spank*, então tudo bem, fiquei lá e tal, até um determinado momento eu falei “não, agora não dá mais”, aí Ela falou “então tá, de boa”. Aquele chuva dourada, eu acho bacana. Não lembro mais assim... Ah, o coisa do amarrar, do *bondage* né? Isso é muito legal. [...] Ah, então, tem um negócio que me excita ler sobre, mas a prática em si, é uma coisa que sei lá, é bastante, que me limita, é o tal do CBT né, cock and ball torture. Eu vejo imagens, eu leio sobre, é uma coisa que me excita, mas a prática não é bacana não, pelo menos o que foi com essa Domme, como Ela fez e tal, eu não curti o jeito”.

sub3: “*Bondage*, cordas, algemas. Tem algumas coisas que eu não faria, como a chuva negra, isso é uma coisa que realmente não vai, escarificação também”.

D3: “*Bondage*, *spanking*, o que mais... *Fireplay*, essas coisas”.

É observado então a gama de práticas que foge ao sexo convencional que os interlocutores numeraram para o pesquisador. Observa-se que no BDSM não se limitam apenas as práticas que estão na sigla, assim como no termo sadomasoquismo são englobadas muitas outras práticas, como mostrado por Leite Júnior (2000):

Este é um dado importante: sob o termo “sadomasoquismo”, muitas práticas podem ser reconhecidas. Na verdade, o que as une não é a questão dor/ prazer ou submissão e dominação, que a princípio o nome S&M leva a crer, mas sim a recusa a uma sexualidade “comum”. Tudo aquilo que é considerado “normal” pela moral, senso comum e/ou ainda por muitos

meios científicos, é entendido como tedioso e burocrático, totalmente o “oposto” da excitante criatividade que o imaginário S&M permite. Como disse um rapaz durante um encontro de adeptos: “Sexo papai-e-mamãe não dá!”. (LEITE JÚNIOR, p. 18, 2000)

Na fala do sub2, ele relata sobre casos que existiram elementos ditos como sexo convencional, como o sexo oral, citado anteriormente e o sexo com penetração anal:

sub3: “Teve um cara que assim, ele mandava mensagem no meu celular, falava assim “você pode hoje?”, aí quando dava certo com meu horário, eu dizia OK, ele fala “então tá, já estou te esperando”. Ele deixava a perna da casa dele aberta, eu entrava, ele estava sem roupa, a gente não trocava nenhuma palavra, aí pelas tantas ele parava, vestia a camisinha, me virava, me comia e tal... Aí às vezes sim, às vezes não, ele me levava pro banheiro, mijava em mim, aí ele saía do banheiro, arrumava tudo, vestia minha roupa e ia embora”.

É importante compreender os diferentes pontos de vista nesta análise. Enquanto o discurso médico coloca como sujo também o sexo oral e anal, no BDSM, sem estar no seu contexto de Dominação/submissão, é visto como sexo baunilha.

O BDSM não necessariamente elimina o sexo oral, vaginal ou anal de seu universo, mas contextualiza. Em ambos os casos o sexo foi utilizado como forma do submisso servir ao Dominador. Leite Júnior (2000) coloca esta questão:

Não existe a necessidade última de uma relação genital, pois toda a cena é sexo, todo o relacionamento é sexualizado ao máximo, e o uso (ou não) dos aparelhos reprodutores também está sujeito a uma prévia combinação. (LEITE JÚNIOR, p. 30, 2000)

Assim, o ato sexual não é apenas a penetração, mas todo o acontecimento, o tratamento durante o encontro, que pode haver ou não a penetração.

O discurso da Sociologia e da Antropologia também aparecem como contra-discursos, trazendo a ideia das diferenças ao invés da anormalidade e doença trazida pelas ciências médicas.

Apesar disso, Rubin (1984) evidencia como é criada uma imagem negativa sobre as sexualidades consideradas dissidentes, incluindo o BDSM:

Homossexualidade promíscua, sadomasoquismo, fetichismo, transexualidade e encontros com cruzamento geracional ainda são vistos

como horrores não modulados incapazes de envolver afeição, amor, escolha livre, gentileza ou transcendência. (RUBIN, p. 16, 1984)

A autora coloca a questão de os sadomasoquistas se esconderem para que possam, por exemplo, seguir uma carreira de sua escolha sem correr o risco de ficar desempregado devido sua erótica dissidente:

Os sadomasoquistas deixam suas roupas fetichistas em casa, e sabem que devem ser super cuidados na ocultação de suas verdadeiras identidades. Um pedófilo exposto seria provavelmente chutado para fora do escritório. Ter que manter uma discrição absoluta é um fardo considerável. Mesmo aqueles que se satisfazem com o segredo podem ser expostos por algum evento accidental. Indivíduos que não são convencionais eroticamente arriscam ficarem desempregados ou incapazes de seguirem a carreira de sua escolha. (RUBIN, p. 26, 1984).

Apesar de Rubin (1984) estar falando do contexto estadunidense, este caso de ocultação para manter uma vida social segura também aparece com os adeptos de Campo Grande/MS.

Como evidenciados nas falas citadas no tópico anterior, os praticantes não expõem publicamente sua forma de vida e de sentir prazer, A fala do D3 transmite essa sensação:

D3: “Nossa, várias [dificuldades], a mentalidade da população daqui, é muito conservadora, muito puritana em relação a assuntos assim, a sexo. Preconceito, discriminação, vários fatores”.

Ou seja, se a população local já apresenta um posicionamento conservador em relação ao sexo, esta pode mostrar um repúdio maior ainda com relação a uma erótica dissidente.

Apesar disso, como coloca Foucault (1989), a sexualidade é um produto do discurso produzido por pela própria sociedade ocidental. Assim, o BDSM é derivado do incentivo de falar sobre sexo, em que se discute o prazer, criando novas formas de desejos. O autor cita esta questão em uma de suas entrevistas:

O prazer também deve fazer parte de nossa cultura. É muito interessante notar, por exemplo, que, depois de séculos as pessoas em geral — mas também os médicos, os psiquiatras e mesmo os movimentos de liberação — têm sempre falado do desejo e nunca do prazer. “Nós devemos liberar o nosso desejo”, dizem eles. Não! Devemos criar prazeres novos. Então, pode ser que surja o desejo. (FOUCAULT, p. 265, 1984)

O BDSM aparece então como resultado das relações de poder da sociedade ocidental, como um contra-discurso, produzindo uma contra-sexualidade e uma relação contra-sexual:

Parodiando los roles de género naturalizados, la sociedad contrasexual se hace heredera del saber práctico de las comunidades S&M, Y adopta el contrato contra-sexual temporal como forma privilegiada para establecer una relación contra-sexual. (PRECIADO, p. 28, 2002)

A antropóloga Gregori (2014) também coloca o teor da erótica transgressora do BDSM em seu artigo:

Seguindo tal perspectiva, é interessante analisar o S/M comercial, o lesbianismo S/M e as manifestações S/M entre gays masculinos, como alternativas que, no limite, problematizam os modelos que supõem como naturais, inatas ou normais as fronteiras que demarcam as diferenças entre homens e mulheres, em particular, entre comportamento sexual masculino (ativo) e feminino (passivo), bem como as fronteiras que separam o prazer da dor, o comando e a submissão. Trata-se de experiências que ousam lidar com o risco social, ou melhor, com aqueles conteúdos e inscrições presentes nas relações entre a sexualidade e as suas assimetrias em termos de gênero, de idade, de classe e de raça. (GREGORI, p. 591-592, 2014)

Como um efeito do dispositivo da sexualidade (Foucault, 1989), o BDSM fala e discursa sobre o sexo, sobre novas formas de prazer e desejos produzidos. No *blog* submisso real, diversos textos são produzidos que buscam cada vez mais trazer experiências para relações BDSM que transgridam cada vez mais o considerado normal e natural, levando ao extremo os limites dos praticantes em busca de prazer.



10. Postagem no blog submisso real. A postagem escolhida trata sobre controle de ereções e cinto de castidade, com o objetivo da Dominadora ter controle sobre ereções masculinas, consideradas involuntárias, mas que por meio da disciplina e do controle,

podem estar sob o comando da Dominadora, que permite o submisso a ter uma ereção quando Ela quiser.

Estas dicas sobre o controle das ereções mostra como o BDSM rediscute assuntos considerados naturais. Gregori (2014) utiliza o conceito limites da sexualidade para discutir esta relação entre prazer e perigo:

Perigo, na medida em que é importante ter em mente aspectos como o estupro, abuso e espancamento como fenômenos relacionados ao exercício da sexualidade. Prazer, porque há uma promessa na busca de novas alternativas eróticas em transgredir as restrições impostas à sexualidade tomada apenas como exercício de reprodução. (GREGORI, p. 576, 2014)

No discurso dos interlocutores aparece claramente esta relação entre perigo e prazer. O limite da sexualidade aparece nas práticas, como ser espancado, servir um(a) Dominador(a), buscando prazer na dor, na humilhação, no sofrimento, na servidão, mas sempre importante ressaltar o caráter consensual e contratual de todas estas práticas e relações.

Por o BDSM ser uma prática que joga com os limites psicológicos e físicos para se buscar novas formas de prazer, o discurso dos interlocutores traz uma forma de legitimação do seu prazer. Falar sobre suas experiências, colocar este prazer como uma diferença e não num sentido patológico ou anormal, sempre ressaltando o caráter consensual, envolvendo gostos, trazendo à tona seus sentimentos de satisfação, têm como objetivo buscar superar o estigma construído sobre o BDSM. Esta questão aparece tanto em *blogs* de outras regiões do Brasil quanto na fala dos praticantes de BDSM de Campo Grande/MS.

4. DEIXANDO A CHIBATA ESFRIAR

Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo analisar as questões do papel das mídias sociais, da confiança e o prazer para os praticantes de BDSM em Campo Grande/MS. Este foco foi definido de acordo com os dados coletados nas entrevistas com os interlocutores, em que estes temas apareciam com mais recorrência.

Segundo os praticantes da cidade, o meio utilizado para conhecer e trocar informações com outros adeptos são as mídias sociais, mais especificamente o *Facebook* e o *Fetlife*. Mas a principal reclamação presente nos discursos é a dificuldade de sair do mundo virtual para os encontros face-a-face. A ausência de festas e eventos nesta temática

é colocada pelos praticantes como uma dificuldade para se relacionarem e conhecerem outras pessoas.

Isto toca na questão da confiança, em que devido às características da sociedade moderna de ruptura de tempo e espaço (GIDDENS, 1991), se torna difícil a criação de ambientes de confiança para que os praticantes se sintam seguros para sair do virtual e procurarem os encontros face-a-face. Esta questão também aparece quando os adeptos da cidade vão compartilhar sobre sua sexualidade com alguém, em que as pessoas que eles confiam para dizer a respeito, são amigos íntimos ou familiares, ou seja, ambientes que trazem confiança e segurança para o praticante. A própria ausência de um ponto de encontro BDSM na cidade, dificultando o encontro destas pessoas, prejudica a construção de um ambiente de confiança para elas estabelecerem vínculos mais profundos.

A insegurança e a desconfiança se acirram ainda pelo contexto das práticas BDSM serem consideradas doências, anormais e patológicas. Assim, com receio de sofrer qualquer tipo de violência, os praticantes necessitam de um ambiente de confiança forte para que se sintam a vontade de conversar sobre o assunto.

Foucault (1987; 1989) e Preciado (2002) trouxeram reflexões de como foi construído as noções normativas e naturalizantes da sexualidade, das práticas e papéis sexuais através das ciências médicas como a Psiquiatria, Psicanálise e Medicina.

Esta questão do BDSM como prática patológica, aparece reproduzida como moralidade inclusive no discurso de um dos praticantes. Apesar disso, no discurso dos outros interlocutores, o BDSM não foi tratado como uma doença, mas sim como uma forma de buscar novos prazeres, ideia que aparece em Foucault (1984) e Preciado (2002).

Autores como Zilli (2009), Facchini e Machado (2013), e Gregori (2014), enfatizam como estes grupos BDSM buscam legitimar suas práticas com o discurso das diferenças e dos pilares S.S.C. (São, Seguro e Consensual) para fugirem deste estigma patológico construído sobre esta sexualidade desde o final do século XIX (KRAFFT-EBING, 1895), sendo reproduzido até os dias atuais, aparecendo ainda em manuais de doenças como o DSM-IV (1995).

Dito isso, na realização desta pesquisa foi necessário o contato do pesquisador com a bibliografia específica do assunto e com interlocutores deste meio. O peso desta experiência e da realização deste trabalho foi por ser o primeiro do curso de Ciências

Sociais da UFMS a tratar do BDSM em Mato Grosso do Sul, tendo contato com seus contra-discursos, a partir disso, percebeu-se a necessidade de (re)discutir as noções de prazer e de corpo. A bibliografia utilizada também trouxe uma expansão no diálogo acerca dos estudos de sexualidade no âmbito acadêmico do pesquisador e do grupo de pesquisa envolvido, o LEVS, Laboratório de Estudos sobre Violência, Gênero e Sexualidade.

Tanto no âmbito pessoal quanto acadêmico, o BDSM foi um campo inicialmente obscuro e que causava ao mesmo tempo curiosidade e insegurança ao pesquisador. Havia uma grande curiosidade em relação às práticas que foi de certo modo suprida neste trabalho. Já a insegurança, algo normal para todos os pesquisadores em seu primeiro trabalho de fôlego, foi sendo aos poucos superada a partir do conhecimento que se foi obtendo com o contato com os interlocutores e seus saberes práticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSOCIAÇÃO Psiquiátrica Americana. **DSM-IV – Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais – CD-Rom**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal estar na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

DAMATTA, **Relativizando: Uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

FACCHINI, R.; MACHADO, S. R.. **Praticamos SM, repudiamos agressão: classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro**. Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro), p. 195-228, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal. 1989.

_____. **Sexo, poder e a política da identidade**. Entrevista com J. O'Higgins, traduzida por Wanderson Flor do Nascimento a partir de *The Advocate*, nº 400, p. 26-58, 1984. Disponível em: www.filoesco.unb.br/foucault.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987.

FRANÇA, Genival Veloso de. **Medicina Legal**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1985.

FREUD, Sigmund. **As aberrações sexuais**. In: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Edição eletrônica brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Imago, 1999.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GREGORI, M. F.. **Práticas eróticas e limites da sexualidade: contribuição de estudos recentes**. Cadernos Pagu (UNICAMP. Impresso), 2014.

KRAFFT-EBING, Richard von. (1886). **Psychopathia sexualis**. Trad. francesa de E. Laurent E. e S. Csapo S. Paris: Georges Carré Editeur, 1895.

LEITE JÚNIOR, J. **A Cultura S&M**. Trabalho de Conclusão de Curso, São Paulo, PUC-SP, 2000.

MISKOLCI, Richard . **A gramática do armário: notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente**. In: XXX International Congress of LASA, 2012, San Francisco. LASA 2012 Congress Paper Archive. Pittsburgh: LASA, v. 1. p. 1-25. 2012.

PRECIADO, Beatriz. **Manifiesto contra-sexual: prácticas subversivas de identidad sexual**. Madri: Opera Prima, 2002.

RUBIN, Gayle. **Pensando sobre sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade** [1984]. Tradução de Felipe Bruno Martins Fernandes. Revisão de Miriam

Pillar Grossi. Disponível em:
<http://www.miriamgrossi.cfh.prof.ufsc.br/pdf/gaylerubin.pdf>

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, v. 28, Dossiê Sexualidades Disparatadas, 2007.

ZILLI, B. D. **BDSM de A a Z: a despatologização através do consentimento nos Manuais da Internet**. In: María Elvira Díaz Benítez, Carlos Eduardo Fígari. (Org.). Prazeres dissidentes. Rio de Janeiro: Garamond, v. , p. 481-508, 2009.

FONTES CONSULTADAS

<https://www.facebook.com/>

<https://fetlife.com/>

<http://submissoreal.blogspot.com.br/>

<http://rainhafragil.wordpress.com/>

GLOSSÁRIO

Anal Play (Jogos Anais): Qualquer fetiche ou prática sexual concernente ao ânus e/ou reto. Normalmente inclui: sexo anal, rimming, enema e fisting anal.

Baunilha: Termo usado para indicar o sexo convencional. Pessoas que não estão envolvidas em BDSM.

BDSM: É a fusão de Bondage, Disciplina, Sadismo e Masoquismo (BDSM).

Bondage: O "B" do BDSM. Bondage na verdade conforma as práticas de escravização. Popularmente usado para referir-se a atividades de imobilização com cordas, lenços, algemas de couro ou metal, tornozeleiras, "spread bars" (barras de alargamento que servem para manter pernas e braços abertos visando à imobilização do(a) parceiro(a). Todas as "cenas" de Bondage remetem ao tema básico: o cativo. Dentro dos grupos e comunidades de BDSM existe uma regra básica de segurança, definindo que imobilizações ou "amarrações" só são feitas do tórax para baixo. Cabeça e pescoço são

áreas proibidas devido à possibilidade de asfixia. Dentro do S.S.C. há um limite de tempo para se deixar alguém imobilizado, em decorrência da possibilidade de isquemia tecidual, ou seja, da falta de irrigação sanguínea em uma área. Algumas pessoas acham extremamente sensual a situação de estarem imobilizadas, à mercê de outrem. Estar fisicamente imobilizado dentro de um contexto de consensualidade dá a possibilidade para os aficionados de experienciar sua sexualidade livremente, o que, talvez, de outro modo, estas pessoas poderiam não ser capazes de se permitir em virtude de questões morais ou de educação. Bondage pode ser também visto como a transferência da responsabilidade para quem coordena a ação.

Bottom: (Do inglês: "bottom": fundo, inferior, nádegas) Termo em inglês para se referir ao submisso(a).

Cavalete: Peça com quatro pés, revestida de espuma ou não na parte superior, podendo conter argolas para fixação dos punhos e tornozelos. Dentro do BDSM o cavalete é amplamente utilizado para a prática do spanking ou canning. O escravo(a) debruça-se no cavalete e é atado nas argolas do mesmo. O cavalete deixa o escravo(a) exposto ao dominador(a), pela posição assumida.

CBT: Cock and Ball Torture - (Do inglês: Tortura de Bola e Pau) Prática de tortura específica do submisso masculino. Consiste em se aplicar jogos de tortura na região genital masculina. Basicamente se usam "clamps", cintos de castidade para pênis, pesos, etc..

Chibata: Peça composta de um cabo e uma haste semi-flexível, normalmente utilizada para montaria. Consegue-se bastante precisão no spanking.

Chicote: Composto de um cabo, uma única longa tira de couro, podendo ter na ponta um pedaço triangular de couro. É o instrumento usado pelos domadores de feras nos circos.

Chuva Dourada: Em inglês "Golden Shower". Ato de urinar no submisso(a).

Chuva Marrom: Ato de defecar no submisso(a) Deve-se notar que as fezes contêm inúmeras bactérias e germes nocivos à saúde.

Coleira: Um símbolo de entrega usada por um(a) submisso(a). Uma coleira é posta ou dada em um relacionamento como um profundo símbolo de entrega. Um(a) submissa(o)

encoleirada(o) é considerado como propriedade ou parceira(o) de um(a) dominador(a). Pode ser usado também como equipamento em uma imobilização.

Consensual: Atividades ou comportamentos acordados e de conhecimento de todos os que estão envolvidos. A consensualidade verdadeira exige que todos os participantes envolvidos em uma prática BDSM, sejam dominadores(as) ou submissos (as), tenham um mínimo de conhecimento do que vai ser feito e como vai ser feito, e tenham conhecimento dos possíveis riscos. No Brasil, a consensualidade ainda é algo pouco difundida e menos ainda praticada em seu sentido mais profundo. Não basta dizer, por exemplo, "vou te amarrar". Tem de existir tanto por parte do submisso como por parte do dominador o conhecimento de como fazê-lo, controlando os possíveis riscos e controlando todos os aspectos envolvidos. Sejam técnicos, teóricos, práticos ou psicológicos.

Crossdressing: Ato de se vestir um homem de mulher ou mulher de homem. Mais comum entre homens submissos, do que em mulheres submissas, talvez por causas sociológicas. Em alguns grupos o homem submisso assume verdadeiramente o papel de mulher, inclusive servindo sexualmente. Uma espécie de travestismo.

Disciplina: "D" do BDSM. Pode ser: punição, disciplina estruturada visando treinar o submisso(a), componentes de jogos de castigo/recompensa. A definição de Disciplina dentro do BDSM é muito ampla e será tratada em trabalho à parte.

Dog play: (Do inglês: "dog play" – jogo cachorro) Ato do submisso atuar e comportar-se como um cachorro ou cadela. Dentro do BDSM, deve comer em uma terrina, dormir aos pés da cama da dona, assumir posições previamente treinadas, etc. A prática de dog play requer adestramento como um cachorro.

Eletroestimulação: Práticas de eletroestimulação não são freqüentes dentro da comunidade BDSM. Talvez pelo perigo que potencialmente representam para a vida das pessoas envolvidas. Um ponto bastante reforçado por pessoas da comunidade é que eletroestimulação não é aplicação de choques elétricos e sim a possibilidade de dar ao parceiro(a) estímulos externos completamente diferentes e atuando profundamente no corpo. Esta prática requer conhecimentos de anatomia e eletricidade para se alcançar todo o potencial existente. Pode-se, segundo depoimentos de aficcionados, conseguir a estimulação involuntária de nervos e músculos no corpo, gerando desde uma simples sensação de "formigamento" até seguidos orgasmos. Existem aparelhos específicos para

esta prática que limitam a corrente utilizada e advertem claramente em seu manual de instruções que toda e qualquer atividade com eletroestimulação deve ser feita da cintura para baixo. Esta prática é proibida aos portadores de marca-passo, cardiopatas e pessoas que sofrem de epilepsia. Também é desaconselhada para pessoas que têm "piercings" no corpo.

Enema: Ato de se inserir no ânus e reto determinada quantidade de líquido, visando a humilhação, quebra de resistência psicológica ou preparo para o sexo anal. Também existe a palavra pouco utilizada "clister", em português, ou "klistier", em alemão, para designar enemas.

Escarificação: A escarificação é o ato de provocar pequenas cicatrizes na pele com instrumentos cortantes, lixas, ou materiais abrasivos. Prática pouco freqüente na comunidade BDSM. Usada em situações de SM, e quase nunca encontrada em situações de BD e DS. Os cortes são superficiais e podem ter formas geométricas, letras, etc. Como há sangramento, o risco de transmissão de doenças é grande. É mais comum a auto-escarificação e existem sites na Internet dedicados a esta modalidade, que está pouco associada ao BDSM e vem ganhando espaço entre culturas alternativas. Socialmente encontrada em tribos africanas, algumas culturas da Polinésia e Oceania, são símbolos ritualísticos de passagem ou, na África, denotam o status marital de uma mulher.

Fist Fucking: Do inglês: Fist: punho + Fucking (meter, na gíria) . Uma das mais intensas práticas dentro do BDSM. Consiste na introdução da mão (punho) na vagina ou ânus. Tem mais adeptos dentro da comunidade gay, mas não está associada á práticas homossexuais dentro da comunidade BDSM. Inicialmente, o dominador(a) introduz vagarosamente os dedos, até conseguir um relaxamento muscular do parceiro(a). Deve existir uma grande cumplicidade entre o dominador(a) e o submisso(a) para esta atividade. Fisting requer tempo, atenção, cuidado e carinho. Com a lubrificação adequada, fisting não é necessariamente uma experiência dolorosa. De qualquer maneira, é consenso dentro da comunidade BDSM que a prática do fisting não é utilizada para causar dor e sim prazer no(a) parceiro(a) como uma forma intensa de penetração. Praticantes de Fist Fucking dizem que esta é uma atividade sensorialmente profunda, tanto para quem está recebendo como para quem está conduzindo. O fisting tem inúmeros componentes psicológicos: Pode remeter à uma sensação de violação, humilhação ou abandono. O punho é um símbolo de poder, literalmente. A introdução do punho dentro do corpo de

um ser humano tem um enorme impacto tanto emocional quanto sexual, pois diferente de objetos artificiais (vibradores, butt plugs, etc.) a destreza e o movimento da mão provoca uma sensação única. Lembramos que a introdução de qualquer coisa no ânus/reto é uma atividade de alto risco, que pode resultar em hemorragia.

Limites: As fronteiras das atividades no BDSM acordadas e conversadas entre dominador(a) e submissa(o), definindo o que e até onde uma prática, uma cena ou um relacionamento podem ir. Limites devem ser obrigatoriamente respeitados. O limite se aplica às regras, cenas, práticas, níveis de dominação e submissão, duração das cenas, etc.

Maiúscula / Minúscula: Refere-se à grafia de letras em BDSM virtual. É comum algumas Mistress teclarem sempre em maiúsculas, denotando sua condição de Top (porém, como maiúsculas tb. significam “gritos”, muitas vezes esta confusão inviabiliza tal liturgia). Também existe a convenção de nicks de submissos serem escritos em minúsculas e de Dominadoras em maiúsculas. Porém, como toda convenção, a falta de rígida observação e generalização acaba por torná-la ineficiente.

Masiquismo: O gosto erótico pela dor, humilhação em ser dominado(a). Algumas vezes o termo é usado para designar a pessoa que gosta de dor mais intensa, ou que tem prazer em atividades que causem maior nível de dor.

Negação: A mais comum no meio BDSM é a do orgasmo, esse treinamento consiste no aumento de limites do submisso em suportar tempos de abstinência sexual. A negação do orgasmo é eficiente para aumentar a sensação de frustração no macho e também uma forma de mantê-lo com energia para outras atividades. Para potencializar a negação a Dominadora pode masturbá-lo até um ponto próximo ao orgasmo, e então parar(uma ou várias vezes). Técnicas associadas a esta pratica são o uso de cintos de castidade e o orgasmo frustrante. Mas a negação também contempla outras atividades como controle de rotinas, jejum e privação de necessidades. Praticas que denotam uma obediência impar ao submisso.

Nick: Apelido ou pseudônimo usado nas salas de bate papo e no meio virtual BDSM, que geralmente se estende ao meio real, onde Dominadoras e submissos se tratam pelo nick e não pelo nome de batismo. Os nicks podem indicar a condição de seu usuário. Seja pelo seu escrito (DOMME XXXX, escravo yyyyy), seja pela forma como se escreve (existe a convenção de Dommies usarem nicks com letras maiúsculas e escravos com letras

minúsculas). Os nicks também podem ter marcas de propriedade, indicando assim que a escrava tem Dono.

Palavra de Segurança: O mesmo que safeword, palavra de segurança usada para encerrar uma sessão quando um submisso chega ao limite.

Play Party: Reuniões sociais onde ocorrem cenas BDSM.

Pony play: Submisso treinado para agir e se comportar como um pony, ou cavalo. Existem roupas e acessórios específicos para esse fetiche.

Privação de Sentidos: Relacionado diretamente aos jogos de dominação psicológicas. Onde a dona priva o submisso de um ou vários de seus sentidos, utilizando-se mordanças, capuzes, vendas, tampões, e/ou outros instrumentos.

Safeword: Palavra ou gesto pré-estabelecido entre as partes que, uma vez utilizado pela escrava, demonstra que a mesma atingiu seu limite de resistência com a cena.

Sessão: Período de tempo (geralmente num local específico- Motel/masmorra) onde se desenvolve com maior intensidade e ininterruptamente o jogo BDSM. Sessão pode ser definida como um conjunto de cenas ou a “encenação” do BDSM (pelos adeptos da teoria de que BDSM seja teatro).

Sexo: Constante, usual e prazeroso no BDSM, mas não obrigatório, podendo este se resumir a cenas e jogos de dominação e sadomasoquismo.

SM ou S&M: Prática BDSM centrada na dor. Sadomasoquismo.

Shibari: (Do Japonês: “Shibari” – amarrar) Termo genérico utilizado atualmente para designar o bondage japonês. Técnica de bondage extremamente estética, derivada do “Hojojutsu” (ver:- hojojutsu) e originária no Japão feudal, com profundas raízes na cultura Japonesa. Cada clã medieval japonês possuía sua própria técnica que era zelosamente guardada. Inicialmente era utilizada como forma de imobilização, castigo e punição aos prisioneiros. O Shibari ou hojojutsu era aplicado pela polícia local e pelos samurais com dois objetivos principais: imobilizar a vítima e coloca-la em uma postura de submissão e humilhação. O Shibari teve uma revalorização erótica a partir de 1960. No Japão é formalmente conhecida como “Kinbaku-bi” e existem teatros especializados onde se pode, mediante pagamento de ingresso, assistir a um espetáculo de shibari. Os

mestres de Shibari japoneses são muito respeitados. A mulher japonesa que é submetida ao shibari recebe o nome de “Dorei” – (Ver:- Dorei)

Spanking: Nome utilizado dentro da comunidade BDSM para o ato de bater, notadamente na região das nádegas. Não se pode confundir o spanking dentro do BDSM e do S.S.C. com o ato da violência física. São situações diametralmente opostas. Nenhum dominador(a) ou submisso(a) corrobora ou aceita a idéia de que para entregar-se deve apanhar ou tomar uma surra. O spanking visa o prazer mútuo e é uma forma de se potencializar o desejo. Necessário fazer uma ressalva aqui, que em algumas culturas orientais, o ato de bater para estimular sensualmente é amplamente aceito e difundido, basta consultar o Kama Sutra No Brasil spanking engloba o ato de bater com as mãos, chicote, vara, chinelo ou palmatória. Nos Estados Unidos e Europa, há uma distinção entre o Spanking, Whipping e “Canning”. “Whipping” é qualquer atividade que envolva chicotes e Canning, que envolva varas. (bambu, rattan, etc.). No BDSM pratica-se o spanking de várias formas. Com a mão, aplicando-se palmadas, onde não é a força que importa, mas sim o ritmo e a constância; e com chicotes dos mais variados tipos, chibatas, chinelos, etc. Mas não com varas. Canning não é spanking. A prática de se bater com uma vara é extremamente perigosa e pode provocar sérias lesões internas. Raramente utilizada dentro do BDSM como forma de castigo severo. É consenso que o rosto e pescoço são áreas proibidas para spanking em virtude da quantidade de tecidos e órgãos que podem ser facilmente lesados. (ex: olhos, nariz, boca, cabeça). A maior parte das pessoas “SM” que gostam de punições corporais incluem o spanking em suas atividades. Uma cena de spanking começa com um “jogo” real ou imaginário de punição por alguma falta ou ato cometido pelo submisso(a) No contexto BDSM spanking é associado para aumentar a sensação de vulnerabilidade física do parceiro. Muitos fatores, entretanto, são comuns na figura do dominador(a): autoridade, coerção erótica, humilhação e representação da figura paterna, que podem despertar mecanismos de prazer no submisso(a). Havelock Ellis e, posteriormente, Wilhelm Stekel abordaram aspectos psicológicos das atividades de spanking que indicamos para quem quiser se aprofundar neste tema sob outra óptica.

SSC: São, Seguro e Consensual. A importante tríade que separa o aceitável e o condenável no BDSM. Tudo que possa ser classificado como SSC é aceitável no BDSM, por mais que para alguns (ou nós mesmos) pareça um exagero ou absurdo. Da mesma forma, qualquer coisa que venha a ferir um dos elementos da tríade deve ser execrado e condenado, por mais que possa, a princípio, parecer um insignificante detalhe.

Sumissão: Segundo o dicionário Aurélio: obediência, sujeição, subordinação, docilidade, servilidade, humildade e subserviência.

Switcher: Do inglês “switch” (trocar) – Aquele que se agrada do BDSM tanto como dominador/sádico, quanto como escravo/masoquista, praticando-o em ambas as posições, seja com um mesmo parceiro, seja com parceiros diferentes.

Velas – Cera: Prática de a parafina de uma vela é gotejada no corpo do submisso. Deve-se evitar derramar parafina muito de perto. Velas coloridas, aromatizadas e similares, podem ocasionar queimaduras sérias. Wax Play.